

PERNAMBUCO

KARINA FREITAS



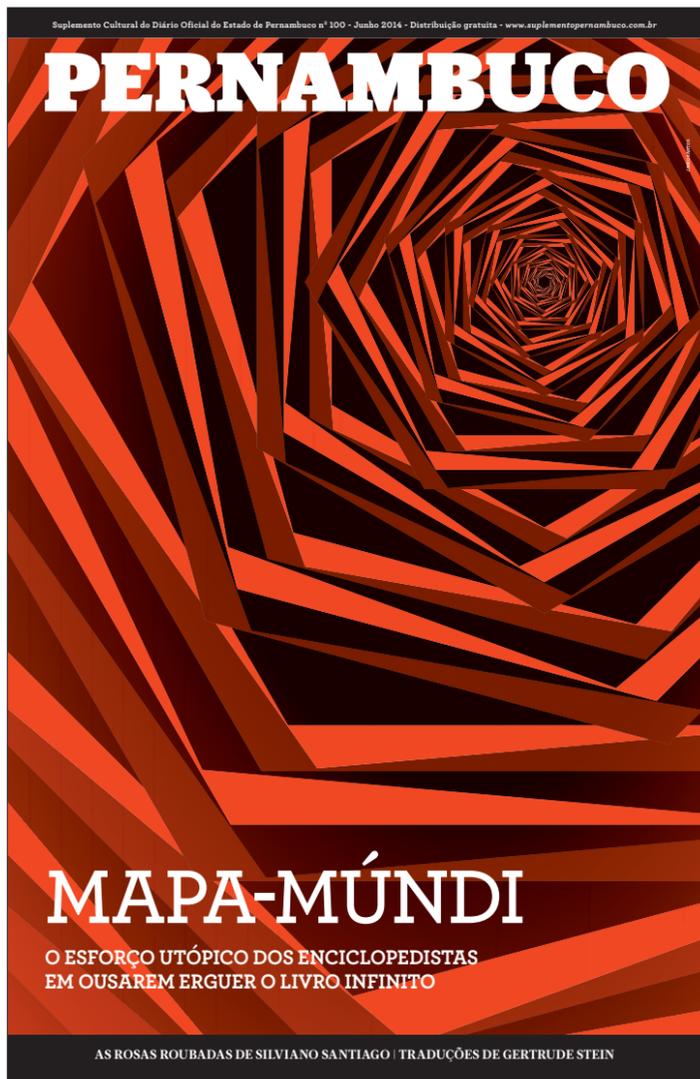
MAPA-MÚNDI

O ESFORÇO UTÓPICO DOS ENCICLOPEDISTAS
EM OUSAREM ERGUER O LIVRO INFINITO

AS ROSAS ROUBADAS DE SILVIANO SANTIAGO | TRADUÇÕES DE GERTRUDE STEIN

GALERIA BIBLIOTECAS DE BABEL

A inspiração para o trabalho dos nossos designers, no processo de ilustração da capa, foi justamente o clássico conto de Borges, *Biblioteca de Babel*, em que o argentino ergue uma espécie de mapa do Infinito.



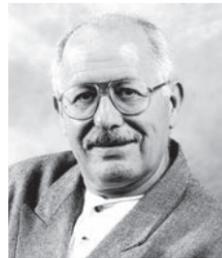
COLABORADORES



Julia Vasconcelos, jornalista e mestranda em artes visuais pela UFPE.



Ricardo Domeneck, poeta brasileiro residente em Berlim. Autor, entre outros, do livro *Cigarros na cama* (Berinjela/Modo de Usar & Co.) e de *Dói-me um anjo no olho* (Editora Cesárea).



Silviano Santiago, escritor e crítico literário, autor, entre outros, de *Uma literatura nos trópicos* e *Stella Manhattan*.

E MAIS

Gertrude Stein (1874- 1946), escritora americana, autora, entre outros, de *A autobiografia de Alice B. Toklas*. **Luciana Hidalgo**, escritora, ensaísta e autora, entre outros, de *Arthur Bispo do Rosário – O senhor do labirinto*. **Luís Henrique Pellanda**, jornalista e escritor, autor entre outros, de *Asa de sereia* (2013). **Ricardo Viel**, jornalista. **Yasmin Taketani**, jornalista.

CARTA DO EDITOR

Neste mês, o **Pernambuco** completa 100 edições, sempre buscando trazer ao leitor um apanhado da maneira como a literatura está sendo pensada e realizada, sem fronteiras temporárias ou geográficas. Acreditamos no poder da palavra. Essa tem sido a nossa orientação desde o início. Para comemorar a numeração redonda, resolvemos pensar um pouco nos próprios limites do livro. O livro como depositário maior de todo o conhecimento do mundo.

Convidamos a jornalista Julia Vasconcelos para pensar a temática, num momento bastante curioso: há pouco a tradicional *Enciclopédia Britannica* encerrou mais de 200 anos de atividades de edições impressas. “O resultado de todo esse processo, que tem como função alegórica representar a complexa sintaxe do mundo, não poderia ser senão a fragmentação dessa mesma sintaxe, a revelação da vertigem caótica da realidade circundante”, apontou a pesquisadora Maria Esther Maciel para a nossa reportagem.

A pesquisadora acredita que, hoje, o projeto enciclopédico já abandonou as pretensões de ser o inventário completo de

todos os saberes sobre as coisas do mundo para ser um espaço móvel de articulação, combinação e invenção, assumindo um caráter menos totalizante que hipertextual e instaurando uma circulação livre e descentrada dos conhecimentos. Uma rede.

Pela primeira vez, lançamos uma edição com duas opções de capa, a partir dessa ideia do infinito, reinterpretada pelos nossos dois designers Janio Santos e Karina Freitas. Ainda nesse número, um perfil bastante pessoal do escritor português Valter Hugo Mãe e um texto inédito de Silviano Santiago sobre seu novo romance, uma biografia ficcionalizada do jornalista e parceiro musical de Cazuza, Ezequiel Neves. Justamente de uma parceria dos dois surgiu o belíssimo título da obra, *Mil rosas roubadas*.

Há ainda uma entrevista com o escritor e ensaísta José Luiz Passos e um perfil da escrita *sui generis* de Renato Pompeu, na estreia de Luciana Hidalgo no **Pernambuco**. Uma crônica de Luís Henrique Pellanda questionando os caminhos do cronista fecha essa nossa edição comemorativa.

Boa leitura e até o próximo mês.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador
João Soares Lyra Neto

Secretário da Casa Civil
Luciano Vásquez Mendez

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO – CEPE

Presidente interino
Bráulio Meneses
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL

Everardo Norões (presidente)
Lourival Holanda
Nelly Medeiros de Carvalho
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Debóra Nascimento, Gilson Oliveira e Mariana Oliveira (revisão), Mariza Pontes e Marco Polo (colunistas), Laís Araújo e Priscilla Campos (estagiárias)

ARTE
Janio Santos e Karina Freitas (diagramação e ilustração)
Sebastião Corrêa (tratamento de imagem)

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves e Sôstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva



PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

Ao escrever a biografia do meu biógrafo

Silviano Santiago brincava que o amigo Ezequiel Neves escreveria sua biografia. Mas a vida acabou invertendo a equação e esse é o tema do seu novo romance *à clef*

KARINA FREITAS



Silviano Santiago

Como nasce o afeto entre dois adolescentes do mesmo sexo? De que se alimenta? Da solidão em família? Do repúdio à rotina da vida estudantil? Das caminhadas aleatórias pela metrópole onde as pessoas correm de lá pra cá com objetivo definido?

Como cresce o afeto entre dois rapazes que vagueiam pelas ruas e se interessam pelas artes? Assistir juntos ao filme *Desencanto*, de David Lean, ou a *Stazione Termini*, de Vittorio de Sica, seria experiência sentimental mais rica que a vivência do aqui e agora? Como é que os sonhos baixam provisória e definitivamente das telas de cinema, das páginas de literatura e dos palcos de teatro e – pela imaginação em delírio – estruturam duas vidas que amadurecem sem horizonte e sobre-carregadas de desejo?

Como o afeto se frustra ao meio do caminho e se torna amizade duradoura?

Estamos no ano de 1952. Os dois rapazes se encontram na Praça Sete, que resume toda a parte central de Belo Horizonte. Esperam o bonde Calafate. O acaso – ou será a selvagem e diabólica chispa do afeto? – transformará os dois desconhecidos em amigos íntimos. Aos trancos e barrancos, permanecerão unidos pela vida afora.

Passam-se 60 anos. É aí que começa a ação do romance, narrado em *flashback*.

Numa tarde de 2010, o corpo do amigo Zeca, então produtor cultural e compositor de renome, agoniza no Hospital São Vicente, no Rio de Janeiro. O amigo sobrevivente, professor aposentado de história do Brasil e futuro narrador, o observa no seu último dia de vida e se dá conta de que perde a única pessoa no mundo que o conhece na palma da mão. O sobrevivente não perderá apenas o amigo. Perde sua própria vida, porque ninguém conhece tão bem seus mistérios quanto o moribundo. O *scholar* perde seu possível biógrafo, o artista.

Compete-lhe inverter os papéis. Transforma-se no biógrafo daquele que teria sido seu biógrafo insubstituível. Será biógrafo e autobiógrafo, ao mesmo tempo. A experiência de um ilumina a experiência do outro. Os amigos se reencontram definitivamente na prosa romanesca. É pela escrita aberta pela lembrança e a imaginação, que pouco a pouco se despojam da razão acadêmica, é por essa escrita de mão dupla que caminha o leitor a fim de conhecer melhor os dois rapazes no momento da formação e nas décadas seguintes, quando assumirão a contrastante e difícil vida profissional.

O amigo Zeca viria a ser um esfuziante e ferino jornalista cultural, crítico e letrista de música popular. O sobrevivente, que assume o volante da escrita romanesca, um respeitado *scholar* e professor universitário. Nada mais conflitante que a experiência do artista drogado e desbundado que se reflete na experiência metódica e ascética do estudioso; nada, no entanto, os aproxima mais no correr da vida que as maldades e as pirraças de um contra o outro.

Uma frase extraída do romance *As brasas*, de Sándor Márai, ajudou-me a compreender a tragédia existencial por que passa o sobrevivente. Cito-a em epígrafe do romance: “Sobreviver a uma pessoa que amamos

tanto, a ponto de nos dispormos a matar por ela, é um dos crimes mais misteriosos e inqualificáveis da vida. O código penal não o menciona”.

Ao matar a pessoa que amamos antes de nos matar, a Vida é uma assassina Impiedosa e cruel. Será que age de modo sorrateiro e inconsciente? Ela não nos rouba apenas o ente querido. Não é apenas a solidão o sentimento dominante na vida de quem sobrevive. *Mil rosas roubadas* é um romance sobre o assassinato da pessoa amada. O sobrevivente ferido está presente na cena do crime, não é culpado e nada pode fazer. Tem as mãos atadas pela Vida. Nem mesmo pode recorrer ao código penal para criminalizar a assassina. O crime não foi previsto pela lei dos deuses e dos homens.

No entanto, o sentimento de culpa paira no ar do quarto do hospital e a escrita é o detetive à solta – ou será o anjo que subitamente baixa da luz neon? – que remexe e fuxica o passado comum na busca de provar a inocência que nunca chegará a pronunciar seu nome porque a própria inocência é em última instância culpada pela Vida que ainda lhe toca viver.

Mil rosas roubadas – meu novo romance – são fragmentos de um discurso amoroso (para retomar o título de Roland Barthes e a trama de *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe – minhas fortes fontes de inspiração literária). São fragmentos de um discurso amoroso a ser percorrido capítulo após capítulo com a ajuda das perguntas que faço neste momento em que me pedem algumas dicas sobre os bastidores da escrita. Claro que *Mil rosas roubadas* lembra outros títulos meus, como, por exemplo, o romance *Stella Manhattan* e os contos de *Keith Jarrett no Blue Note*. Pode lembrar, mas não se define pelo método narrativo de que me vali para escrever os dois. O novo romance assume de maneira definitiva o tom confessional, que sempre evitei.

É um romance *à clef*, para retomar a denominação francesa.

Por ele ser isso e por ser eu mineiro, tenho de acrescentar que o novo romance não navega sozinho pela literatura brasileira. Tem como companhia uma notável tradição mineira de romance *à clef* e de poesia memorialista. Cito três nomes: Ciro dos Anjos, Fernando Sabino e Carlos Drummond de Andrade.

Por que efeito de coincidência é que, no romance *O amanuense Belmiro* (1937), um dos personagens se chama Silvano e serve para dar nome ao professor Arthur Versiani Veloso, mestre de filosofia dos dois rapazes no Colégio Marconi? Será que o bom amigo Fernando Sabino soube que os dois jovens belo-horizontinos, ao travarem conhecimento quase factual com os quatro cavaleiros do Apocalipse em *O encontro marcado*, enriqueciam suas noites belo-horizontinas? Aliás, o professor aposentado, como o velho Carlos Drummond da série *Boitempo*, só ao final da vida dedica a declamar as estripulias do menino antigo.

Madonna,
Estrela do Pop



O LIVRO

Mil rosas roubadas

Editora Cia das Letras

Páginas Não definido

Preço Não definido

ARTIGO

A vida como experiência no limite

De quando a “realidade” resolveu não mais se afinar com Renato Pompeu

Luciana Hidalgo

A autoficção tem sido exaltada como tendência dominante na literatura brasileira contemporânea. Escritos do *eu* transbordam os limites do autobiográfico e invadem a ficção, numa certa promiscuidade entre gêneros que inquieta teóricos. É certo que há melhores e piores autoficções, mas um bom exemplar desse gênero híbrido é, sem dúvida, a *autoficção-limite*, isto é, romances que se desdobram de situações-limite vividas por seus autores.

Nesse sentido, o binômio autoficção-loucura é recorrente. Vários escritores converteram em fina literatura as suas experiências extremas em hospitais psiquiátricos: Lima Barreto em *O cemitério dos vivos*, Carlos Sussekind em *Armadilha para Lamartine*, Rodrigo de Souza Leão em *Todos os cachorros são azuis* e Renato Pompeu em *Quatro-olhos*. Mas é esse último que aqui importa, pois ainda é tempo de se prestar justo tributo a esse jornalista e escritor paulista, morto em fevereiro desse ano.

A originalidade de *Quatro-olhos* tornou-o ao longo das décadas um livro *cult*, não propriamente *pop*. Trata-se de uma discreta obra-prima da literatura brasileira que, além da inquestionável qualidade estética, permitiu ao autor (na época de seu lançamento, em 1976, ele era redator do jornal *Folha de S. Paulo*) uma espécie de *reconstituição de si* após o contato íntimo com a *loucura* – a própria e a dos outros.

No romance o narrador-protagonista criado por Pompeu tem um pálido dia a dia de sujeito aparentemente comum, entediado no ofício de funcionário público, até que se vê internado no hospício. Há descrições magistrais dos bastidores da loucura, desde seus discretos, insuspeitos, espasmos na rotina do personagem, até seu salto radical na experiência psiquiátrica após prisão por motivos políticos durante a ditadura no Brasil.

Pompeu ficcionaliza alguns fatos de sua vida, já que foi, ele próprio, internado em 1974-75. Mais tarde ele escreveria o ensaio *Memórias da loucura* para descrever essa experiência e seus delírios de menino. Aos sete anos, achava-se vítima de uma “conspiração de mulheres”. Aos 12, tinha alucinações frequentes que o faziam “rir à toa”.

A certa altura Pompeu notou que seus pensamentos pouco se afinavam com o que se convinha chamar *realidade* e, em meio à dissonância íntima, concluiu: “Comecei a perceber que havia coisas que não mudavam nunca e coisas que mudavam pouco, que podiam me dar segurança. Uma coisa que, por exemplo, não mudava nunca era o texto, qualquer texto, de livro ou jornal. Por mais que você lesse, estava sempre escrito a mesma coisa. Agarrei-me, portanto, ao texto escrito (...)”

Não se trata aqui de explicar um bom autor pela sua *loucura*, afinal muitos gênios da história da arte jamais receberam um diagnóstico psiquiátrico e grande parte dos pacientes de manicômios nunca apresentaram uma produção artística ou literária, muito menos genial. No entanto, a julgar pela arte e pela escrita de nomes como Arthur Bispo do Rosario, Antonin Artaud, Lima Barreto e Renato Pompeu, é nítida a percepção de uma permeabilidade entre mundos, de um ir-e-vir, intenso, por vezes sofrido, entre cotidiano e delírio. São obras marcadas por esse vaivém, em geral autorreferentes, autobiográficas, em que a imaginação parece expandida pela alucinação.

Foi o próprio Pompeu quem melhor teorizou o tema ao falar de seus livros: “Todas essas criações minhas que chamaram a atenção de algumas pessoas são, na verdade, produtos do tratamento da minha loucura. (...) A arte é um modo de expressar de forma adequada e socialmente aceitável e útil o que a loucura expressa de forma inadequada e nociva – as fantasias do inconsciente. Ora, se o louco passar a se expressar artisticamente, ele estará neste momento não sendo louco. Estará sendo artista.”

A etimologia da *esquizofrenia* contém toda a complexidade dessa questão, afinal o termo (do grego) significa *alma fendida*. Sim, em alguns casos, a arte é uma ferramenta útil na recuperação de uma existência cindida, de um pensamento partido (a psiquiatra dra. Nise da Silveira bem o provou com seus pacientes-artistas do Museu de Imagens do Inconsciente). Ao se exprimir, o autor compila fragmentos do *eu* numa tentativa de reconstrução de si.

Não por acaso Pompeu lançou *Quatro-olhos* um ano depois da saída da clínica, inventando na ficção um personagem que apresenta tantas semelhanças com

ele mesmo, preso várias vezes pela polícia política entre 1961 e 1970, não por ser militante, mas por conhecer militantes e escrever textos que não necessariamente agradavam aos militares.

Segundo Pompeu, a experiência na prisão legou uma mania de perseguição, e o término de um namoro na mesma época acabou por reavivar delírios de infância, detonando a sua *loucura*, que ele assumia como *doença* (era contra a ideia valorizada por Michel Foucault sobre a loucura como *conspiração* da psiquiatria e da sociedade). Um dia, acometido por alucinações em que colegas de redação agiam como feras aterrorizantes, achou por bem se internar. E somente ao final da internação escreveu *Quatro-olhos* que, em vez de se configurar um diário íntimo, um relato cru e factual da vivência psiquiátrica, é uma ficção sofisticada e bem-humorada, uma mistura de política e *loucura*, lançada ainda em plena ditadura. Um romance que passa ao largo do panfleto contra o regime militar e ainda assim se vislumbra, ao longo das páginas, toda a loucura do autoritarismo.

Quatro-olhos é dividido em partes. “Dentro” é o título do primeiro capítulo da vida do protagonista, um sem-nome acomodado no vaivém entre cafezinhos e despachos de repartição, casado com uma mulher inquieta e desconfortável em meio à repressão política. Professora universitária, ela reúne companheiros militantes em casa, sem atenção ou engajamento do

Segundo o autor, o tempo na prisão legou uma mania de perseguição e o fim de um namoro trouxe de volta delírios do passado

marido. Ele parece viver em suspensão, em algum lugar entre a realidade e a ficção – nesse caso, uma ficção *real*, escrita por ele no primeiro capítulo, entremeada aos fatos do cotidiano.

Parte da autenticidade do romance está na obsessão do protagonista por um livro, um tal, escrito em algum lapso da monotonia e perdido, que ele procura obsessivamente encontrar ou rescrever. Assim, *Quatro-olhos* é um livro onde se rescreve um livro, sendo as narrativas do que é *real* (o dia a dia do personagem) e do que é fictício (as histórias contadas sobre personagens inventados do tal livro) confundidas, a ponto de nem sempre se ter ideia precisa do que as divide.

Personagens concretos e imaginários passeiam com liberdade pela obra, e de início cai-se na tentação de distinguir uns e outros. A certa altura, contudo, o óbvio se impõe: sendo um livro a priori de ficção, não há porque insistir na diferenciação. Tudo é real, ou tudo é fictício. Para o narrador, a questão tem pouca importância:

“Talvez fosse eu, talvez um personagem do livro, quem sabe o homem morto, mesmo o dono das casas ou o moço que trabalhava na firma. Mas havia alguém, um casal, dançando abraçado, e eram jovens, mas enquanto se dançava abraçado e muito feliz o moço foi reparando que a moça foi envelhecendo.”

No início do romance, o personagem sinaliza sua inadaptação à realidade, dedicado a um esforço extraordinário para manter a fachada *normal*, enquanto sua mulher o acusa “de não pisar no chão, de viver em regiões etéreas (...)” No entanto, há poucos elementos que indiquem o epílogo. Apenas um episódio mais radical é descrito, com humor impecável:

Comecei a falar em voz alta:

– Eu sou índio, eu sou índio.

E minha mulher a exigir que eu tivesse preocupações mais concretas; eu a andar nu pela casa a tomar pinga, na falta de cauim; e minha mulher

Godard e Anna Karina, 1963



KARINA FREITAS



não se escandalizava (como escandalizar uma grã-fina?), apenas me impedia de assim receber visitas. Comecei a notar que me casara com ela para melhor me proteger do mundo dos brancos, que ela trazia colado à pele, cheia de razões e esquemas, filha da indústria e do comércio (...).

Estava eu muito satisfeito com a nova identidade. (...) Passei a suportar melhor o trabalho e fui até promovido; chegado em casa, tirava toda a roupa e ficava junto aos vasos de planta, imerso em profundas libações. Comecei a lidar com o livro como se fosse um relatório que tivesse de mandar à minha tribo sobre aquela gente curiosa. (...)

Eu escrevia essas histórias completamente nu. Durou pouco, porém, minha condição de índio; cansei-me do brinquedo e comecei a dar ouvidos a minha mulher, que falava em afastamento do mundo e loucura. Ela passava por mim como sombra; deixamos de receber os amigos. Cada vez mais, eu existia só quando escrevia o livro.

Essa relação visceral do personagem com a palavra é exacerbada na segunda parte do romance ("Fora"), quando ele é preso pela polícia – que, na verdade, arromba o apartamento em busca de sua mulher (esta já havia fugido) – e acaba no manicômio onde é apelidado *Quatro-olhos*.

A passagem entre prisão e hospício não se explicita, mas o tal livro, a escrita, continua, obsessivamente, sobretudo porque, sabe-se a certa altura, os manuscritos anteriores se perderam, e ele tenta recompô-los, assim como na primeira parte tentava recuperar um livro escrito anos antes. E, ao tentar recordá-lo, empenha-se em rescrevê-lo, o que se torna outro livro.

Não são fundamentais os destinos dos personagens, a trama em si, afinal vários livros perfazem o livro em si. O que importa em Pompeu é essa autoderrisão, o distanciamento de si, a excelência da ficção imposta à experiência autobiográfica. É um mestre na manipulação das fronteiras entre

narrativas reais e fictícias, por isso as transgride sem juízo.

Essa permissividade entre vida e obra, que por vezes incomoda a teoria da literatura, alcança o ápice estético em Renato Pompeu. E se a *loucura*, além de tema, é ou não influência, cabe ao próprio autor a última palavra sobre o assunto:

Delírios continuo tendo, praticamente diários. Mas aprendi, com os médicos, os outros psicoterapeutas e particularmente com os outros loucos, a utilizar meus delírios de forma produtiva. Simplesmente aproveito meus delírios escrevendo livros, argumentos de filmes etc. Aprendi que as pessoas se chocam com os delírios verbais e não suportam conversar com um delirante, mas adoram ler delírios escritos, ver cenas delirantes nos filmes ou na TV, ver peças de teatro delirantes. Para falar a verdade, reconheço na obra de outros escritores e artistas em geral delírios iguais aos meus. Assim, Homero, Virgílio, Dante Alighieri, Cervantes, Machado de Assis, Proust, Lima Barreto (...) – todos esses me encantam porque me parecem tão delirantes quanto eu.

ENTREVISTA

José Luiz Passos

Sobre todas as outras vidas de José Luiz Passos

Após ganhar alguns dos principais prêmios literários do Brasil por *O sonâmbulo amador*, autor lança ensaio em que discute as relações entre Machado de Assis e Shakespeare

FOTO: DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Yasmin Taketani**

Não é fácil falar sobre José Luiz Passos. Tanto já foi dito (ou exaltado) desde sua estreia como romancista, em 2009, que se corre o risco de soar repetitivo e pouco convincente quanto a seu valor. Mas o grande “problema”, na verdade, é que escrever sobre sua obra nunca parece ser suficiente: em 966 páginas, ou quatro livros, o universo de Passos é inesgotável.

Há quem se diga encantado pela beleza da escrita do pernambucano, costurada com toda a riqueza da língua portuguesa; uns destacam a construção das personagens, em especial Vicente, de *Nosso grão mais fino* (2009), e Jurandir, de *O sonâmbulo amador* (2012); outros se entusiasmam com a originalidade, a clareza e a elegância do crítico no recém-lançado ensaio

Romance com pessoas (todos editados pela Alfabeta) – gênero a que também se dedicou em *Ruínas de linhas puras*, de 2008, sobre *Macunaíma*. Seja como for, não cessam de surgir críticas, resenhas e leituras para seus livros, tanto os dois romances, ambientados entre os anos 1930 e 1960 em Pernambuco, em que os protagonistas vivem um embate com o passado, a perda e a construção de suas vidas; ou o novo ensaio sobre Machado de Assis, que nos mostra, entre tantos aspectos, a profunda dimensão moral das personagens – ou *pessoas* – machadianas.

Entre a breve passagem pelo Brasil para lançar *Romance com pessoas* e o retorno aos EUA, onde é professor de literaturas brasileira e portuguesa da Universidade da Califórnia, José Luiz Passos respondeu, por e-mail, algumas perguntas sobre as origens e preocupações de sua ficção, o novo livro e a polêmica em torno de Machado de Assis.

Para Jurandir, protagonista de *O sonâmbulo amador*, narrar é acertar as contas com o passado e encontrar seu lugar no presente. O que você busca na escrita de ficção?

Em parte, a pergunta já aponta para uma resposta. Tem razão. Em ambos os romances, há um acerto de contas com o passado: não necessariamente com o meu passado, mas com o da região, do estado, da família; ou o passado de gente que não conheci pessoalmente e que, mesmo assim, me cerca ou acompanha. Busco o que esses personagens buscam: tornar visível, para mim e para outros, emoções e circunstâncias que de outra forma passariam batidas e jamais sairiam daquele poço de clichês que torna nossa rotina confortável demais.

Você se refere a Jurandir com uma expressão que me parece carinhosa e, hoje, pouco usual: “meu herói”. A longa convivência os aproximou, mas o que admira na personagem?

Apesar das circunstâncias adversas, Jurandir tenta se entender e entender os outros, da melhor maneira possível; ele não deixa ninguém para trás, muito embora chegue atrasado, quando finalmente decide enfrentar questões cruciais em sua vida. Admiro seu humor e a graça ranzinza que ele exhibe em situações perante às quais eu próprio cruzaria os braços, mudaria de assunto ou passaria a página. Jurandir fica remoendo. E isso é um talento.

Já nos tempos de graduação em sociologia você escrevia poemas e breves narrativas. Quando soube que era hora de escrever seu primeiro romance? Ou em que momento ele se impôs?

Quando meu pai faleceu, em 1999, senti que precisava escrever alguma coisa a respeito. Não necessariamente a respeito dele, mas daquilo que eu julgava fazer parte da paisagem interior dele.

Certa vez, perguntado sobre como se tornou escritor, você brincou que ouviu “Vai, Zé!, ser escritor pernambucano na vida”. O que significa ser um escritor pernambucano?

“ Pernambuco é a arena que decido lembrar; e relembro tal espaço imaginando o que eu próprio não consegui viver

Pernambuco é a arena que decido lembrar; e relembro tal espaço imaginando o que eu próprio não vivi. Note que na minha ficção não está o Pernambuco da década de 1980, vivido por mim na intensa consciência do adolescente. Meus romances se passam entre as décadas de 1930 e 1960. Ora, nasci em 1971. O estado é parte da minha identidade quase em igual medida que a Califórnia; afinal, estou aqui faz 19 anos e vivi no Recife apenas até os 24. Mas acho que não há como negar nas artes em Pernambuco certo espírito de inconformação para com as bandeiras, grupos e escolas do momento, em diferentes períodos. A poesia de João Cabral, por exemplo, tinha laços fortes com a lírica anglo-saxã e espanhola de sua época; divergia de tendências comuns a grupos propriamente nacionais. Como encaixar Osman Lins ou mesmo Hermilo Borba Filho? Em parte, destoam de seus contemporâneos como destoou o movimento Manguê anos atrás e o cinema de Kleber Mendonça Filho e Hilton Lacerda atualmente. Não creio que haja nisso nenhuma “pernambucidade” imanente. Isso não existe. O que há é um exercício deliberado do artista que não evita os fardos de uma tradição marcada pela exclusão, pela violência, e que ao mesmo tempo se abre a uma mescla de tempos, transformando a aspereza dessa mescla em rigoroso método de composição.

Machado de Assis conferiu dinâmica moral e uma rica vida interior a seus personagens, e fez do “modo como indivíduos

conduzem suas vidas” sua grande investigação. De que forma essa inovação foi recebida e incorporada pelos pares do autor? Ela se mantém como preocupação central do gênero romance?

Existe uma diferença radical entre a maneira como Machado de Assis concebe a vida interior de seus personagens e aquela como os outros escritores do século 19 no Brasil fizeram a mesma coisa. Machado cria uma noção de interioridade para o personagem brasileiro, o que chamo de *vida moral*, ou seja, experiências e sentimentos que associamos a uma avaliação de nós mesmos: emoções reflexivas como a culpa, a vergonha o remorso ou o ressentimento. Os personagens de Machado são ambivalentes, problemáticos, ardilosos, volúveis. Não há como colocar o dedo e dizer que “essa pessoa é isso”, porque ela não é só isso. Ela nos encanta precisamente por causa da grande variedade de emoções e experiências vividas, e é nessa variedade que se constitui uma forma mais robusta de se retratar a pessoa humana: sujeitos contraditórios, que não se conhecem de fato, que são múltiplos e desiguais. O dinamismo moral é uma prerrogativa fundamental do sujeito machadiano. Vai influenciar Eça de Queirós e também a ficção psicológica do século 20, como Graciliano Ramos, Lúcio Cardoso, Cyro dos Anjos etc. Mas não creio que se mantenha como preocupação central do gênero. Nosso romance do século 20 se manteve preso às questões da política e da identidade.

Sobre a recente polêmica em torno de Machado de Assis: substituir palavras supostamente incompreensíveis por outras mais próximas do nosso vocabulário pode contribuir para a formação de leitores ou para a aproximação da obra?

Não sou contra a existência de adaptações, versões, transcrições, resumos etc. São modos válidos de participarmos no jogo do encantamento literário. O primeiro livro que tenho memória de ter lido foi aquela famosa adaptação, em tradução resumida, que Monteiro Lobato fez de *Robinson Crusoe*. Hoje tenho carinho especial pelo romance de Defoe, por causa dessa primeira leitura. Agora, trata-se do mesmo caso? Não sei, não tenho certeza. Não li o texto modificado de *O alienista*. Mas se a dificuldade percebida para uma maior divulgação de Machado é apenas de léxico, então por que não incluir um glossário? Neste caso, o leitor alargaria seu vocabulário. Mas entendo a sedução de uma adaptação mais plenamente transparente... Tudo depende, a meu ver, do uso e do objetivo que se tem para essa publicação. Então, não sou contra novas versões de Machado. Mas acho que há maneiras de se colocar textos inteligentes e criativos nas mãos de mais leitores, em vez de simplesmente reduzir a variedade de léxico e estilo do autor. Tenho uma filha de 8 anos. Trouxe para ela, há pouco, da Bienal de Brasília, uma versão do conto machadiano “Ideias de canário”. O livro é ilustrado para crianças. O texto é integralmente

“ Espero do meu leitor um esforço comparável àquele na produção do livro. Em troca, ponho ali tudo de mim

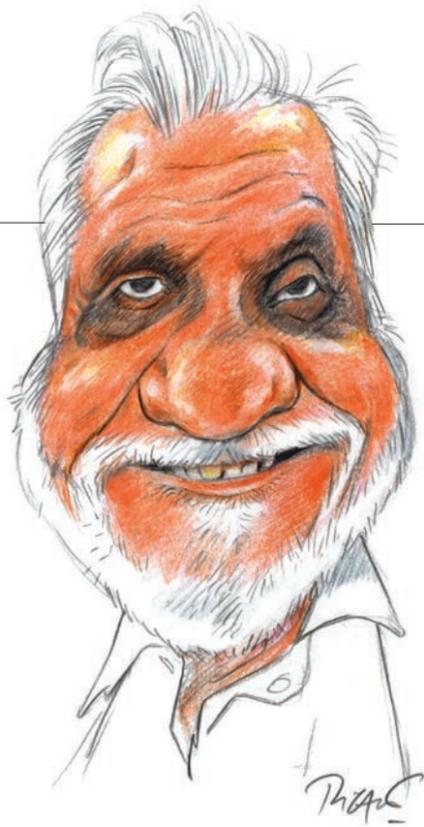
o de Machado. Lemos aos poucos. As ilustrações ajudam. E eu esclareço o que ela me pede para esclarecer. Isso nos dá prazer e é parte fundamental da construção de uma nova leitora.

Aos seus romances, ainda que contemporâneos, poderia ser proposto procedimento semelhante — não só em relação a determinadas palavras, mas à própria construção das obras. Que concessões e exigências você faz ao leitor?

Quase nenhuma. Aliás, não me lembro de ter mudado nada nos livros a fim de que mais pessoas entendessem o que quero dizer. Como disse o próprio Carrero, o estilo pertence ao narrador; é preciso haver um casamento funcional entre a voz que enuncia aquele mundo e a matéria enunciada. Escrevo tentando alcançar a máxima adequação entre quem fala e aquilo que é dito. Quando — como autor — corto palavras ou me cerceio, é porque penso: Jurandir não diria isso; não cabe na boca dele. Quanto ao resto, vale tudo. O escritor que subestima o leitor já perdeu a parada e não sabe. Espero do meu leitor um esforço comparável àquele na produção do livro. Em troca, ponho ali tudo de mim, absolutamente tudo.

Para escrever o ensaio *Romance com pessoas*, você analisou os livros que pertenceram a Machado de Assis, com as anotações do autor, e referências literárias em sua obra. Caso um pesquisador realizasse uma busca similar na sua biblioteca, o que lhe chamaria atenção?

Guardou a pergunta mais difícil para o final, não foi? Bom, olhando de relance minhas estantes, agora, aqui, às costas, vejo pequenas pilhas de livros, na vertical e na horizontal, dedicadas a preferências ou projetos em andamento. Viajantes estrangeiros no Brasil. Machado de Assis. Literatura japonesa, em especial Natsume Soseki. Sociologia; ainda leio sociologia... História da colônia. Poesia, de Joaquim Cardozo a Angélica Freitas. Machado de Assis. Romances históricos. Alguma coisa de história natural. Osman Lins. Carmo Bernardes. Conrad, Camus e Coetzee. Machado de Assis. Muita coisa de Henry James. Muita coisa de Wittgenstein. Muita coisa sobre teatro de bonecos, mamulengos, títeres de toda parte. Graciliano Ramos. A revolução pernambucana de 1817. Um pouco mais de Machado de Assis (já mencionei ele?), mas dessa vez com Lima Barreto. Nabokov. Pilhas de ficção brasileira contemporânea. Bastante Shakespeare, em parte por causa de Machado de Assis. Folhetos de cordel. Que mais? Pequenas torres de fotocópias, com as apostilas para os cursos que vão de Caminha aos de hoje. Talvez esse pesquisador ache estranho que, em vários casos, eu tenha mais de um exemplar do mesmo livro. Queria que esse tal pesquisador não conseguisse me enquadrar, mas ele vai conseguir. Ele tem uma bolsa. Ninguém resiste a uma bolsa. Espero, ao menos, que quando chegar a vez do relatório, ele me considere um leitor dedicado e com poucos preconceitos.



Raimundo CARRERO

A obra densa, forte e bela de Walther

Escritor converte contos curtos em obras de grande qualidade técnica e estética

“**A cidade fede** horrivelmente devido à putrefação dos corpos dependurados e contamos com a morte para que a vida nos traga suas benesses: mas não é uma beleza o modo como nossas bolsas estão cheias e nossa mesa farta?”

Estas palavras ásperas, fortes e inquietantes encerram o primeiro conto de *O metal de que somos feitos*, de Walther Moreira Santos, um dos vencedores do *Prêmio Pernambuco de Literatura*, na categoria Contos e que confirma a força de um dos maiores escritores do Estado, que vive, em exílio voluntário e extremamente silencioso, em Vitória de Santo Antão, de onde sai somente para receber os inúmeros prêmios que marcam sua carreira.

Em princípio pareceu-me um romance, apesar da diversidade das histórias e da força de cada uma de suas palavras. Confundi-me por causa seu estilo e do desenvolvimento dos textos. Logo percebi o meu equívoco e fui examinar um a um os contos sempre densos e fortes. O escritor recorre também ao narrador plural, sempre muito difícil e desafiante: “De primeiro, nossos inimigos depuseram osso rei e em seu lugar coroaram um ditador simpático a eles”.

Observe-se, por exemplo, que os personagens de Walther estão sempre sufocados e, em torno deles, há alguma situação inquietante. E não é apenas neste livro, mas em todos aqueles já publicados e premiados. Há em tudo uma espécie de aflição, de inquietação, de sombra que acompanha o cortejo dos personagens e das histórias. No entanto, mesmo quando recorre a tragédias e a dramas, a odores e a suores, o escritor não perde o traço elegante e sedutor dos seus textos. Sim, a aflição parece ser o traço mais forte de sua narrativa. A aflição e uma espécie de medo subterrâneo que acompanha o reino de suas palavras. Medo, porém, que cede espaço às frases, às orações, aos parágrafos, sempre escritos com muita coragem, com muita firmeza, que é o sinal de sua maturidade, da sua força narrativa.

Raramente se encontra em Pernambuco, ou em outro qualquer estado do Brasil, um escritor com tanta obsessão e certeza. Basta uma viagem pelos contos deste livro invulgar, a partir mesmo da epígrafe irônica/dramática de Bernard Shaw: “A vida é uma pedra de amolar: desgasta-nos ou Afia-nos, conforme o metal de que somos feitos.”

Não tem sentido, portanto, o silêncio que se faz em torno de um criador de grandes personagens e de situações notáveis, composto por breves enredos sempre cativantes e, não raro, dolorosos. Vale a pena ler e estudar Walther Moreira dos Santos.

O trabalho de Walther abre espaço para uma brevíssima reflexão sobre a arte do conto. O que é o conto? Há muitas definições embora nem sempre precisas como é próprio da definição. Cortázar afirmava que o conto se assemelha a uma luta de Boxe, cujo desfecho se dá no primeiro round, por

FOTO DE CAPA DO LIVRO O METAL QUE SOMOS FEITOS/ DIVULGAÇÃO



nocaute. Sem dúvida, uma definição muito forte, até mesmo na imagem. Mas nem sempre é assim. A maioria dos contos de Jorge Luís Borges ou de Machado de Assis nem sempre são assim. Pedem reflexão e leveza. O conto sequencial, a que Cortázar se refere, é escrito segundo a técnica de cena sobre cena, uma cadeia de fatos em busca de um desfecho. O próprio Cortázar não era rigorosamente assim. Tudo isso nasce daquela ideia de que o escritor deve usar o menor espaço possível para falar da história e dos personagens. Não é bem assim.

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

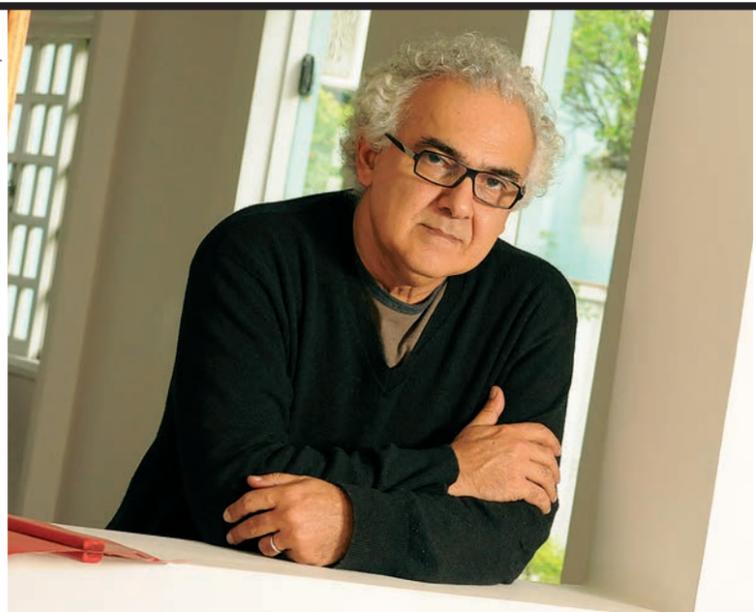
EVENTO

Biblioteca Pública do Paraná promove encontro com escritores que falam da importância da instituição

O projeto *Um Escritor na Biblioteca*, criado pela Biblioteca Pública do Paraná (BPP) na década de 1980 e suspenso por 26 anos, voltou a ser reeditado desde 2011. Mensalmente, sob a mediação de um especialista, os autores falam sobre sua formação literária, primeiras leituras e a importância das bibliotecas neste processo. Os resultados são transformados em programas para a TV E-Paraná,

transcritos no jornal *Cândido*, que a BPP publica mensalmente e, depois, reunidos em livro publicado pelo selo Biblioteca Paraná. Escritores como Milton Hatoum (foto), Cristovão Tezza, Elvira Vigna, Luiz Rufatto, Nélida Piñon, Luis Fernando Veríssimo, Ana Paula Maia, Marçal Aquino, Sérgio Sant’Anna e Ignácio de Loyola Brandão são alguns dos que já participaram do evento.

FOTO: DIVULGAÇÃO





Usando-se metáforas precisas e reflexões decisivas, um contista pode usar o espaço que lhe pareça mais preciso. Afinal, o campo é amplo para muitos debates e análises. Não existe verdade absoluta na arte – e literatura é sobretudo arte.

Além disso, o conto tem amplas motivações. Pode ser escrito em dois ou três parágrafos, em uma página, em muitas páginas, em diversas páginas. Pode ser apenas um concentrado de poucas palavras, o nocaute a que Cortázar se refere, ou ter 20 ou 30 páginas. *Short Story, Short Short, Long Story,*

como queiram. Em Walther tudo isso é possível. Até porque nele a reflexão se sobrepõe aos fatos. O livro vencedor do prêmio é muito amplo em sugestões, muito variado embora compacto, sem jamais perder a força. Pode-se lê-lo a partir de qualquer um dos contos, e partir em qualquer direção – do começo para o fim, do fim para o começo – do meio para o fim, do meio para o começo – e ele não perderá a força e a beleza com certeza. Um trabalho exemplar, de quem não apenas conhece, mas domina o seu ofício.

CRÔNICAS

Pernambucano Flávio Tiné lança livro de crônicas

“Histórias simples, de gente comum, tão brasileira – aliás, tão pernambucana – como ele próprio”. Assim define Fernando Portela as crônicas de Flávio Tiné enfeitadas no livro *As boas lembranças da luta* (Giz Editorial, São Paulo). Jornalista, escritor, professor emérito da Universidade de São Paulo, cidade onde se radicou, Tiné é autor, entre outros, do livro *Jornalismo opinativo* (Editora Mantiqueira).

PRÊMIO

Com tiragem de mil exemplares mais R\$ 40 mil, Prêmio Paraná de Literatura 2014 abre inscrições

Estão abertas até 30 de junho as inscrições para a terceira edição do *Prêmio Paraná de Literatura 2014*, lançado pela Secretaria de Cultura do Paraná através da Biblioteca Pública do Estado, nas categorias romance, contos e poesia. Cada vencedor receberá R\$ 40 mil e terá sua obra publicada pelo selo Biblioteca Paraná, com tiragem de mil exemplares dos quais cem ficam com os autores.

Na edição de 2013 ganharam Adriane Garcia, de Minas (poesia), com o livro *Fábulas para adulto perder o sono, Ensaio para o entendimento humano* (contos), de Caetano W. Galindo, do Paraná, e Jaci Palma, do Rio Grande do Sul, com *Meu primeiro morto* (romance). Maiores informações na BPP (Rua Cândido Lopes, 133. Centro. Curitiba. PR. 80020-901. Fone (41) 3221.4900. www.bpp.pr.gov.br.

A Cepe - Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura.
 2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
 3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemplem a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor. As páginas deverão ser numeradas.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife - Pernambuco

Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

Secretaria
da Casa Civil



PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

CAPA

JANIO SANTOS E KARINA FREITAS



A utopia de que tudo está aqui

É possível concentrar toda a informação existente no mundo em apenas um livro?

Julya Vasconcelos

TOMO 11, P. 61

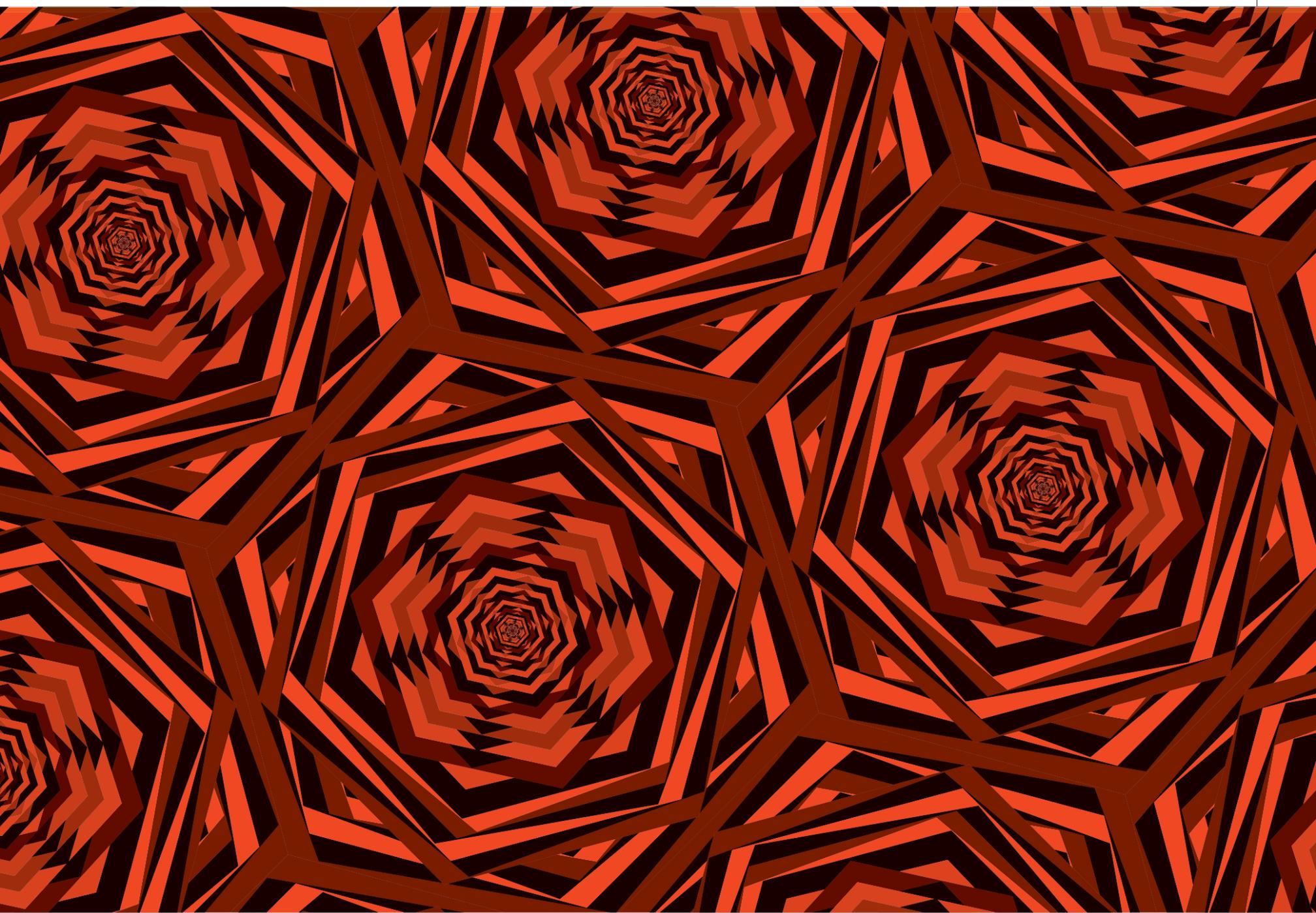
EXPLORAÇÃO ESPACIAL — É a investigação, por meio de naves espaciais tripuladas e não tripuladas, dos confins do universo para além da atmosfera da Terra, e o uso das informações adquiridas para aumentar o conhecimento do cosmos e beneficiar a humanidade.

O trompete de *Melancholy blues* aguarda ressoar no espaço, silenciado em uma das faixas de um disco de cobre banhado a ouro. Também a agudeza do Coro Yamaguchi, a última parte da *Sagração da primavera* e uma canção de casamento peruana. Os sons de um trem, de um cão selvagem, de um beijo, de um navio. Imagens de folhas secas caindo no outono, do raio-x de uma mão, de uma *highway* em Nova York, do Taj Mahal, de um supermercado, de dunas e de graciosas dançarinas de Bali. O esquema da estrutura do DNA e mais uma porção de fórmulas matemáticas e químicas seminais aguardam, igualmente, sua propagação por outras galáxias. Em código morse, está lá, indelével: “até as estrelas, através da adversidade”. Em 1977, foram lançados no espaço dois discos feitos de placas de cobre e banhados a ouro, onde estão gravadas 122 imagens, 31 sons, e saudações em 55 línguas. Duas naves (as *Voyager 1* e 2) vagueiam pelo universo munidas dessas cápsulas do tempo, pequenas circunferências enciclopédicas, utópicas e ambiciosas batizadas de *Golden Records*, que desejam dizer, a sabe-se lá que forma de vida, quem somos nós e o que é a existência na terra. “Este é um presente de um pequeno mundo distante, um símbolo de nossos sons, nossa ciência, nossas imagens, nossa música, nossos pensamentos e nossos sentimentos. Estamos tentando sobreviver ao nosso tempo para que possamos viver no seu”, escreve Jimmy Carter, presidente do Estados Unidos, em carta assinada e datada em 16 de junho de 1977, também gravada nos discos. Talvez alguém os encontre daqui a 40 mil anos, próximos à cons-

relação de *Ophiuchus*. Talvez não. Se o trompete de Louis Armstrong finalmente ressoará provavelmente não é o mais importante. Mas como definir a vida na terra em um disco de ouro lançado no espaço? Ou em uma coleção de dezenas de tomos de uma enciclopédia? Ou em um romance?

Entre a Rua do Imperador, e seu burburinho típico do centro da cidade, e o último andar da taciturna biblioteca do Gabinete Português de Leitura há uma escada suntuosa. O prédio de 1921 em nada se assemelha a sonda *Voyager 1*, há 37 anos no espaço e cada vez mais longe do sistema solar, mas o salão principal, que toma todo o terceiro andar me fez lembrar uma espécie de espaçonave emocional, capaz de ser tanto espaço de suspensão quanto relicário, como é a *Voyager* com seu disco dourado que almeja dizer sobre tudo para que possamos sobreviver, nem que seja na memória dos extraterrestres. Estamos sempre fugindo da morte e do esquecimento. Os livros por dentro das estantes de madeira que quase alcançam o teto parecem pequenos tesouros retangulares, capsulas do tempo. É como estar momentaneamente do lado de fora. Me pergunto se livros também morrem.

Em uma mesa na sala de obras de referência, um homem consulta o tomo 4 da edição de 1998 de uma *Enciclopédia Barsa*. O livro de capa vermelha com inscrições em dourado tem mais de quinhentas páginas, e faz volume entre os dedos do senhor de 58 anos. Abre na página 173, no artigo sobre o Cristianismo. Lê, atento: Entre as numerosas setas messiânicas surgidas no mundo judeu no início do primeiro milênio, incluíam-se os discípulos de Jesus de Nazaré, antigos seguidores de João Batista. A comunidade cristã foi aceita no seio do judaísmo até o ano 65, aproximadamente quando se consumou a inevitável ruptura entre as duas facções religiosas. O artigo é longo, cheio de desdobramentos, possibilidades de flunar. Arnaldo Pereira da Silva é analista de sistemas, e apesar da relação estreita com os computadores, quando re-



solveu pesquisar sobre a história da religião cristã não confiou nas teclas, sites e hiperlinks. Resolveu ir ao Gabinete vasculhar as estantes com centenas de tomos de enciclopédias. Antes da popularização da internet, a enciclopédia era o primeiro passo de uma pesquisa. “Pra esse assunto que eu pesquisei, sobre a história e os fundamentos do cristianismo, eu tive necessidade de ir à enciclopédia porque preciso de muita firmeza e segurança. Na *Wikipédia* eu não confio, todo mundo vai lá, atualiza as informações. No livro não, tá lá impresso, ninguém mexe”, avalia seu Arnaldo. O livro único de conhecimento parece manter o mundo nos eixos, dar forma à utopia da vida sob controle, livre do caos da impermanência. Um antídoto. Segundo John Elsner e Roger Cardinal, existe um sofrimento da “patologia da completude a todo custo”.

TOMO 14, P. 281

UTOPIA, “*Um mapa do mundo onde não aparece o país. Utopia não merece ser guardado*”. Esta máxima de Oscar Wilde expressa o anseio permanente de criação de sociedade perfeita. Ideal irrealizável em sua plenitude, a utopia se materializa parcialmente, no entanto, graças ao progresso científico e tecnológico.

Em 1750, Denis Diderot escreve em seu *Prospectus*, apresentando o ambicioso projeto enciclopedista: “o objetivo de uma enciclopédia é o de reunir os conhecimentos esparsos na superfície da terra, expor o seu sistema geral aos homens com que vivemos, a fim de que nossos descendentes, tornando-se instruídos, tornem-se ao mesmo tempo mais virtuosos e felizes”. O termo vem da junção de duas palavras gregas, *Enklikios* e *Paidéia* (*Enklikiospaideia*), que significa algo como conhecimento circulante ou circular. O projeto enciclopédico moderno, nascido do pensamento iluminista, tinha como esteio uma dupla utopia que se entevê na ideia do círculo: a de concentrar, dentro de uma publicação, todo o conhecimento humano mais atual e a de, através

Ser um enciclopedista era ser um revolucionário numa máquina contra o obscurantismo religioso

desse conhecimento, transformar os homens e o mundo, alcançando uma harmonia universal do saber. Em 1750 foi editado o primeiro volume por Diderot e Jean Le Rond d’Alambert.

“A história da *Enciclopédia* revela um nível ímpar de idealismo”, escreve a jornalista e historiadora Joelle Chevé, em artigo para a revista *História Viva*. Nascida primeiramente da intenção de traduzir para o francês a *Cyclopaedia* do inglês Ephraim Chambers, uma espécie de dicionário publicado em 1728 em Londres, o empreendimento foi tomando um desenho próprio, e quis ir além do projeto de Chambers. “Para reforçar o novo texto, optou-se pelo uso de imagens, procedimento pedagógico que seria um dos maiores trunfos da *Enciclopédia*. Os temas foram apresentados sob a forma de uma árvore inspirada na do filósofo inglês Francis Bacon. A filosofia era o tronco, enquanto a teologia foi destronada e relegada a um ramo, em companhia das ciências

ocultas e da magia!”, diz Chevé. “O tom estava dado: a *Enciclopédia*, dicionário racional das ciências, das artes e dos ofícios era ao mesmo tempo uma obra de informação e um manifesto”. O desejo de inaugurar uma nova era tornava-se explícito, e o ar messiânico tomou grandes proporções. Ser um enciclopedista era ser um revolucionário numa máquina de guerra contra o obscurantismo da religião e a favor do homem que conhece sua origem e seu destino. Em 1759, o parlamento de Paris condenou a obra, e a igreja a acrescentou ao *index* de livros proibidos. Mas os volumes continuaram sendo comercializados, com vendas alavancadas pela agitação política que engendrara. Apenas em 1772 foi publicado o último tomo. A essa altura, artigos técnicos, por exemplo, já se encontravam ultrapassados.

Na estante do Gabinete Português estão 24 tomos da *Encyclopaedia Britannica*, dividindo espaço com mais outras dezenas de edições da *Mirador*, *O thesouro da juventude*, *Barsa*, *Grolier universal*, *Llelo universal*, *Larrouse Delta*, além dos mais diversos dicionários que espantam pela especificidade dos temas. Na capa vinho, em um brasão de letras douradas está gravado o ano de 1768, data da primeira edição. No editorial de 1964 encontro escrita a frase “*the britannica is never old*”. A enciclopédia como libelo contra o tempo, como um totem do saber que nunca envelhece: essa ideia perde-se sufocada no caldo do mesmo tempo contra o qual luta, mas ao olharmos amplamente, independentemente da utopia do controle do conhecimento haver emergido, não pode-se cessar de fazê-lo. “Buscamos sempre uma ordem a partir dos princípios de organização reconhecidos, mas nessa ordem incide sempre o arbitrário, sempre o instável. Mas admitir tais arbitrariedades e instabilidade não impedirá que sigamos classificando e tentando controlar o caos da vida”, reflete Maria Esther Maciel, escritora e doutora em letras pela UFMG. O caos é inevitável, mas a tentativa de controle também é inevitável.

CAPA

JANIO SANTOS E KARINA FREITAS

Arnaldo senta e levanta algumas vezes das cadeiras da sala de referência, explorando diferentes tomos. Duas grandes janelas em meia lua mostram o lado de fora do prédio. A placa com o nome de um banco colore o vidro de vermelho da espaçonave pousada no bairro de Santo Antônio. O analista lamenta o fim das impressões, enquanto abre um exemplar com a letra F. Em um mesmo lance de páginas lê-se Fitzgerald, F. Scott, Flagelados, Flamboyant, Flamenco. “É uma pena que a enciclopédia tenha chegado ao ponto de morrer. Imagina perder os livros...”, lamenta.

TOMO 8, P. 156

INTERNET — *A década de 1990 assistiu a uma revolução tecnológica que transformou os modos de comunicação nos níveis profissional e pessoal. O sistema conhecido como internet é formado por um conglomerado de computadores unidos por linhas de comunicações que permitem o intercâmbio imediato de todo tipo de informação entre pessoas situadas em qualquer parte do mundo.*

Em 2012 foi anunciado, aos quatro cantos do mundo, o fim das edições impressas da *Enciclopédia Britannica*, depois de 244 anos de atividade. “O resultado de todo esse processo, que tem como função alegórica representar a complexa sintaxe do mundo, não poderia ser senão a fragmentação dessa mesma sintaxe, a revelação da vertigem caótica da realidade circundante”, escreve Maria Esther Maciel. A pesquisadora acredita que, hoje, o projeto enciclopédico já abandonou as pretensões de ser o inventário completo de todos os saberes sobre as coisas do mundo para ser um espaço móvel de articulação, combinação e invenção, assumindo um caráter menos totalizante que hipertextual e instaurando uma circulação livre e descentrada dos conhecimentos. Uma rede.

Hoje a *Enciclopédia Britannica* é acessível apenas através de uma plataforma paga na internet, que permite atualizações a cada 20 minutos. Questionada sobre a atual inviabilidade das enciclopédias impressas anualmente, Patrícia Palma, representante da *Britannica* no Brasil, afirma que a empresa acredita na reinvenção, mas aposta concomitantemente na demanda por informação confiável. Ou seja, acredita na enciclopédia atualmente como um projeto de curadoria de informações. “O ponto é que na internet aberta você vai fazer uma pesquisa no *Google* e encontra uma porção de informações aleatórias. Por exemplo, vou buscar Picasso e acontece de aparecerem em quadros de Monet, busco o rio Amazonas e tenho fotos do São Francisco. A popularização da internet não inviabiliza o conteúdo curado porque é a garantia de um conteúdo de qualidade”, defende.

Na contracorrente está a enciclopédia *Barsa*, que completa 50 anos de existência e mantém-se em contínua atividade, ampliando sua atuação com DVDs, aplicativos, plataforma online, mas sem abandonar os volumes impressos. O projeto *Barsa* foi idealizado por Dorita Barrett, herdeira da *Britannica*, que refutou a ideia de promover apenas uma tradução, para o português, do original. Em vez disso organizou um grupo expressivo de intelectuais brasileiros, como Antonio Callado, Oscar Niemeyer, Jorge Amado e Antonio Callado. A primeira edição esgotou-se em oito meses. “Para nós, no dia em que o mercado não quiser os volumes, estaremos consolidados no eletrônico. Ou na rede. É o que a *Britannica* fez, uma estratégia de negócio totalmente pensada. Não foi um modelo de negócio que resolveram da noite para o dia”, avalia Sandra Cabral, diretora de marketing da *Barsa*.

Arthur Grupillo, doutor em filosofia e professor da UFSE, vê o próprio ser humano como uma tentativa de dar ordem ao caos, mas enxerga o desejo obsessivo, de reunir “num único livro” a totalidade do conhecimento essencial do mundo como um projeto do homem moderno, e que as tecnologias e os bancos de dados intermináveis reunidos na internet são uma alegoria ainda mais perfeita da Biblioteca de Babel de Borges. “O homem moderno, sim, é que tem ambição de sistema, de catalogação, de organização da informação para o conhecimento completo da natureza, da vida e da história. O enciclopedismo é um iniciativa do século 18, no iluminismo. Alguns sistemas filosóficos, como o de Hegel, foram também ambiciosos a este ponto de ser uma teoria de tudo. E as tecnologias da informação tentam fazer algo parecido. Mas o resultado é, novamente, o oposto do que se pretendia. Com tantos bancos de dados, temos hoje muito mais caos de informação do que antes”, acredita.

Assim como o disco de ouro da *Voyager*, compilado por cientistas e políticos norte-americanos, brancos, de classe média que fizeram com que o mundo fosse apresentado ao resto do universo como uma totalidade que já de saída descamba para a incompletude, para a parcialidade, o projeto enciclopédico, na sua essência, cria e propaga a ilusão de uma comunidade humana uníssona, que controla a natureza através da cultura. Mas segundo Olga Pombo, professora e coordenadora do Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, a enciclopédia é um projeto aberto, labiríntico e paradoxalmente cartográfico. “Há na enciclopédia um virtuoso efeito de modéstia”, afirma. Por partir de um projeto tão totalizante, a enciclopédia “dá-nos a ver quão pouco sabemos do mundo que nos rodeia e faz pressentir o não saber”.

Para realmente alcançar seus objetivos, um projeto enciclopédico, segundo Umberto Eco, teria que ser um projeto de natureza desordenada e de formato incontornável, e “praticamente deveria fazer parte do conteúdo enciclopédico de *cão* tudo o que sabemos e poderemos saber sobre os cães, até a particularidade por que minha irmã possui uma cadela chamada Best – em suma, um saber incontornável até para Funes, o Memorioso”, escreve.

Provavelmente inquietado pelas mesmas questões que Eco, Borges, não sem ironia, pensa uma enciclopédia com outros critérios taxinômicos. Revira o universo ao citar “uma certa enciclopédia chinesa”,

Por partir de um projeto totalizante, a enciclopédia dá-nos a ver o quão pouco sabemos do mundo e pressente o não saber

que inclusive inspira Foucault a escrever *As palavras e as coisas*. Na citada enciclopédia, os animais se dividem em: “a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo, l) et cetera, m) que acabam de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas”. Foucault então pergunta: “onde poderiam eles jamais se encontrar, a não ser na voz imaterial que pronuncia sua enumeração, a não ser na página que a transcreve? Onde poderiam eles se justapor, senão no não lugar da linguagem?”

TOMO 13, P.494

TAXONOMIA — É o ramo da biologia que se ocupa da identificação, nomenclatura e classificação dos seres vivos e extintos. A partir de uma série variada de organismos, o taxonomista cria uma hierarquia de agrupamentos, ou taxa, entre os quais se estabelece uma relação de ordem.

Iza Correia, Almerina da Silva, Maria Limeira Forte, Dalmira Biana, Lucia Dias, Josefina Botelho, Maria Manuca, Luarinda Bernardo, Alice do Santos, Marlene Leone. Na face interna do manto de apresentação de Arthur Bispo do Rosário, há centenas de nomes de mulher bordados em linha azul. Sapatos, garrafas, botões, pentes, canecas, garfos, colheres, carretéis, funis, tecidos formam, como listas físicas, um inventário de um mundo para ser apresentado a Deus no dia do juízo final, com “todo o material existente na terra dos homens”. Bispo, que era esquizofrênico paranoico, precisa organizar tudo, e para isso trabalha incansavelmente em sua obra, de um impacto visual retumbante. A tarefa de Bispo é semelhante ao projeto enciclopédico, assim como parte das obras de Mallarmé, Georges Perec, Dante, Ítalo Calvino, Milorard Pávitch, Sta Hidegarda de Bigan, Plínio o velho, Borges, Peter Greenaway.

CAPA

Maria Esther Maciel pesquisa o que chama de “poéticas do inventário”, onde a pulsão enciclopedista beira o jogo. Inventariar, catalogar, enumerar, são atividades vistas criticamente por estes artistas, que se utilizam disso para repensar o humano e ironizar a pretensão de abarcar o mundo. “Saber todas as coisas não passa de uma presunção humana, já que segundo Borges ‘não sabemos o que é o universo’, e ‘não há universo no sentido orgânico, unificador, que tem essa ambiciosa palavra’. Qualquer tentativa de representar essa múltipla complexidade está fadada ao fracasso”, reflete a pesquisadora. São ancorados no fracasso que estes artistas e intelectuais constroem suas reflexões e suas obras, tentando criar “novos mundos e novos sistemas ou antissistemas de classificação”. “Além de Perec, que levou as classificações às últimas consequências, eu mencionaria *Bouvard e Pécuchet*, de Flaubert, *O homem sem qualidades*, de Robert Musil, *Ulisses e Finnegans Wake*, de James Joyce, dentre outros”, enumera.

“ESCADARIAS, I. Certo, a história poderia começar assim, aqui, desta forma, de maneira um tanto lerda e lenta, neste reduto neutro que é de todos e é de ninguém, onde as pessoas se cruzam quase sem se ver, onde a vida do prédio repercute, distante e regular. Do que se passa por trás das pesadas portas dos apartamentos só se percebem no mais das vezes os ecos perdidos, os fragmentos, os esboços, os contornos, os incidentes ou acidentes que se desenrolam nas chamadas “partes comuns”, esses leves ruídos de feltro que os gastos tapetes de lã vermelha abafam, esses embriões de vida comunitária que vão sempre se deter nos patamares. Os habitantes de um mesmo prédio vivem a apenas alguns centímetros uns dos outros, uma simples divisória os separa, partilham os mesmos espaços que se repetem ao longo dos andares; fazem os mesmos gestos ao mesmo tempo, abrir a torneira, dar a descarga, acender a luz, pôr a mesa, algumas dezenas de existências simultâneas que se repetem de andar em andar, de prédio em prédio e de rua em rua”.

Nesse trecho de *A vida, modo de usar*, do escritor judeu polonês Georges Perec, as particularidades de um condomínio em Paris, situado no endereço fictício da rua Simon-Crubellier, uma parte do edifício começa a ser descrita. Essa descrição vai beirar, durante o romance, à exaustão. Cada capítulo (são 99) é dedicado a descrever um apartamento, hall e escadarias, assim como a vida dos moradores atuais e antigos. Os objetos sobrepõem-se aos homens até que a existência humana pareça ter menos força de permanência que as coisas criadas por ela. Anexada ao livro, uma planta do prédio, uma verdadeira babel.

TOMO 2, P. 266

TORRE DE BABEL — Segundo o antigo testamento, para celebrar seus nomes, os descendentes de Noé decidiram construir uma torre tão alta que chegasse ao céu. A fim de castigá-los pela soberba, o Senhor confundiu-lhes os idiomas e dispersou-os sobre a face da terra.

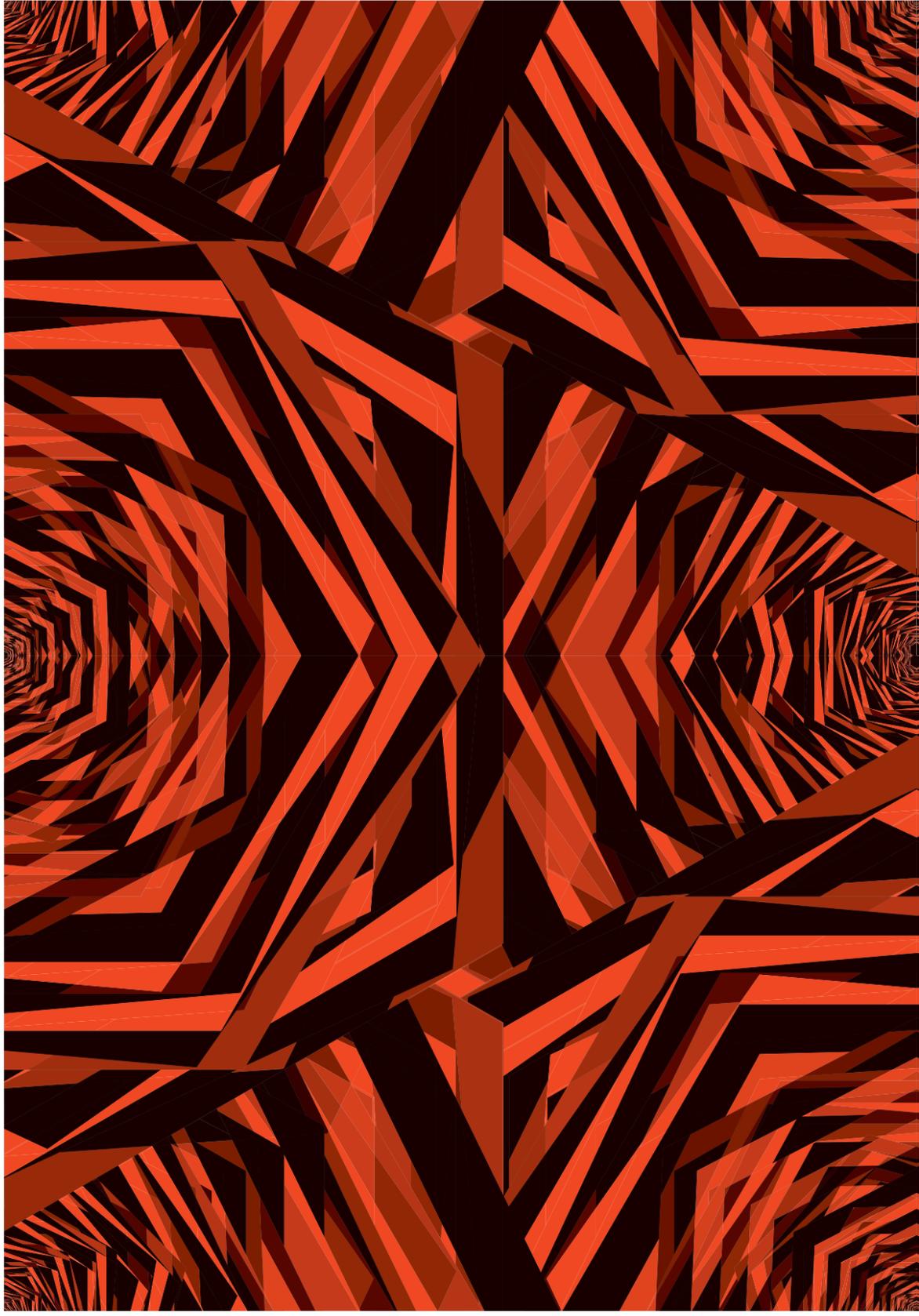
Numa chácara na rua Gaona, na cidade de Ramos Mejía, Bioy Casares janta com Borges. Os escritores conversam a respeito de Uqbar, um país entre Iraque e Ásia Menor, mencionado na *The Anglo-American Cyclopaedia*, publicada em 1917 como cópia literal da *Enciclopédia Britannica* de 1902. Os escritores reviram os tomos e índices mas não conseguem encontrar o verbete. Mais tarde, uma outra enciclopédia, conta a história total de Tlön, um planeta imaginário, “com suas arquiteturas e seus naipes, com o pavor de suas mitologias e o rumor de suas línguas, com seus imperadores e seus mares, com seus minerais e seus pássaros e seus peixes, com sua álgebra e seu fogo, com sua controvérsia teológica e metafísica”. O discurso completo sobre um mundo que pode ou não existir está feito no conto *Tlön, uqbar, orbis tertius*, publicado em *Ficcões*.

Em 1928 Jorge Luís Borges publica *O idioma dos argentinos*, e vence o Segundo Prêmio Municipal de Ensaio. Investe todo o prêmio na compra da 11ª Edição da *Enciclopédia Britannica*. Torna-se obcecado pela edição. Chega a escrever em um dos seus poemas, depois que a cegueira o toma:

“En Atenas me fue dado este sueño. Frente a mí en un largo anaquel, había una fila de volúmenes. ran los de la Enciclopedia Británica, uno de mis paraísos perdidos”

“Parece que Borges vê nas enciclopédias nem tanto a utopia ilustrada da reunião total do conhecimen-

JANIO SANTOS E KARINA FREITAS



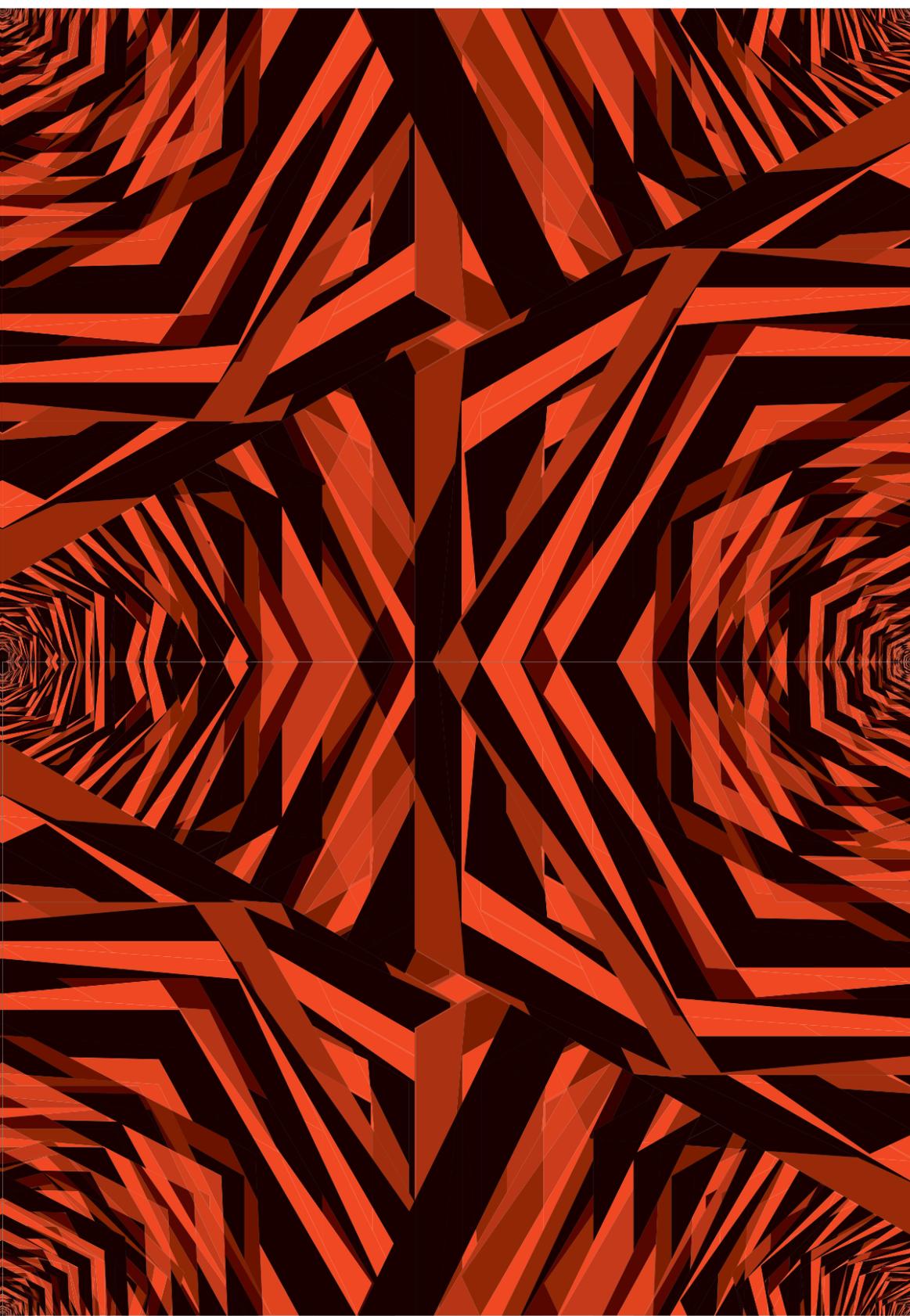
to, mas o fragmento em si, a possibilidade de que cada fragmento dos infinitos que compõem uma enciclopédia seja em si mesmo muitos fragmentos em desdobramento contínuo. As enciclopédias para Borges sempre foram um bom motivo para praticar o humor e a ironia, para tergiversar, para ler de outro modo, nunca são textos meramente informativos ou formativos, mas de fato uma espécie de ficção, que pode ser lida como ficções. Nesse sentido, a enciclopédia é, mais do que um inventário poético, um modelo de como ler, um local privilegiado para pensar toda uma teoria da leitura”, reflete Alfredo Cordiviola, especialista na obra de Borges e professor de Teoria da Literatura da UFPE.

Borges faz mergulhos constantes na problemática das catalogações, das enciclopédias, das bibliotecas, das taxonomias. O escritor retorna sempre às classificações e aos inventários como parte de uma poética, mas também como parte de uma investigação filosófica. “A lógica que guia a distribuição dos conteúdos e os critérios de ordenamento são questões caras ao argentino, que parece se divertir com as bibliotecas e os livros como labirintos feitos para que as pessoas e os leitores se percam”, comenta Cordiviola.

A enciclopédia, para o pesquisador, é a metáfora do *Aleph*, que coloca o universo em um espaço limitado. “A enciclopédia também é um objeto mínimo que aspira a conter tudo”, diz. O *Aleph* seria a realização de uma utopia.

“Cada coisa (o cristal do espelho, digamos) era infinitas coisas, porque eu a via claramente de todos os pontos do universo. Vi o populoso mar, vi a aurora e a tarde, vi as multidões da América, vi uma prateada teia de aranha no centro de uma negra pirâmide, vi um labirinto roto (era Londres), vi intermináveis olhos próximos perscrutando-me como num espelho, vi todos os espelhos do planeta e nenhum me refletiu”, escreve Borges no conto citado, em um tortuoso parágrafo no qual descreve tudo o que vê ao deparar-se com o lugar onde todos os lugares, de todos os ângulos, podem ser vistos. Termina o parágrafo dizendo: “vi meu rosto e minhas vísceras, vi teu rosto e senti vertigem e chorei, porque meus olhos haviam visto esse objeto secreto e conjectural cujo nome usurpam os homens, mas que nenhum homem olhou: o inconcebível universo”. Ainda neste conto, Borges lamenta a impossibilidade da sua linguagem, que é sucessiva, dar conta da realidade do *Aleph*, que é simultânea e total. Daí que a existência do *Aleph* é possível desde que não passe pela linguagem. Dizer não dá conta do mundo. “É isso que Foucault vai pegar no famoso prefácio de *As palavras e as coisas*: a enciclopédia não como harmonia universal, mas como absoluto caos, como evidência da impossibilidade de catalogar o real”, afirma Cordiviola.

Em *A Biblioteca de Babel*, Borges mexe com a contradição que é o desejo de autotransparência com-



pleta do conhecimento humano. Uma biblioteca que contivesse todos os livros possíveis, conteria a teoria verdadeira do mundo e também a refutação desta mesma teoria. Sem contar com o problema lógico de saber se ela poderia conter o “catálogo dos catálogos”, que certamente não poderia conter a si mesmo. Esses paradoxos servem para ridicularizar esse desejo de completude na organização do saber, é um desejo vão, isto é, uma “ vaidade”, naturalmente, assim com a torre, destinada ao fracasso. “O universo (a que outros chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no meio, cercados por parapeitos baixíssimos.”, escreve Borges no conto citado. “Eu afirmo que a Biblioteca é interminável”.

O ar-condicionado da sala de referência finalmente esfria o dia quente do Recife, mas Seu Arnaldo fecha as enciclopédias, coloca-as de volta nas estantes, em ordem. Sai com as suas anotações, mas a biblioteca ainda não lhe disse tudo o que quer saber sobre o pedaço de mundo que eleger. “Estou pesquisando há meses, já fui em várias bibliotecas. Algumas não deixam nem a gente tocar nas coleções”, conta, enquanto deixa o prédio do Gabinete Português de Leitura, descendo a escadaria e mergulhando novamente nas buzinas e vozes misturadas das gentes da rua do Imperador.

TOMO 12, P. 321

RETRATO — *O desejo de perpetuar a existência transitória do indivíduo no que este tem de patente – a expressão fisionômica – acha-se na base da pintura e da escultura de retratos. Nas sociedades burguesas, a partir do século 19, os pintores encontraram no retrato uma fonte de renda nada desprezível.*

Em 2013 cientistas anunciaram que a *Voyager* encontra-se finalmente fora do Sistema Solar, a cerca de 19 milhões de quilômetros da terra. Agora, com seus sinais captados por uma rede de radiotelescópios que vai do Havaí à ilha caribenha de Saint Croix, é apenas um minúsculo ponto azul no infinito com um mundo desenhado por dentro.

Ricardo Piglia, no prefácio de *O último leitor*, conta a história de um fotógrafo que mantém uma miniatura delirantemente perfeita da cidade de Buenos Aires em um quarto de seu apartamento. Cogita-se que, na verdade, a miniatura guie a cidade de grandes proporções, que a representação seja o motor do real. Pois os homens escrevem os livros ou estes, em alguma medida, escrevem os homens?

“Um homem se propõe a tarefa de desenhar o mundo. Ao longo dos anos, povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de naus, de ilhas, de peixes, de moradas, de instrumentos, de astros, de cavalos e de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem de seu próprio rosto”, responde Borges.

A história da eternidade nas enciclopédias

Raimundo Carrero

Quem folheia ou folheou uma enciclopédia sabe ou sabia que está ou estava diante da História da Eternidade. Af se debatem gerações desde o Gênesis até o último suspiro do homezinho da esquina, indo ao passado mais remoto ou investindo no futuro incerto – como é da natureza de todo futuro. Por isso, a sensação de quem escreve ou escrevia para estes livros era de que estava entrando no pantanoso terreno do eterno, tornando-se uma espécie de Matusalém, mesmo depois do surgimento do *Google*. Pelo menos foi assim comigo quando aceitei o convite do editor e amigo Paulo Verano, para escrever na *Enciclopédia Barsa*. Era um tempo em que, embora o *Google* já existisse, a palavra e o papel ainda travavam luta em preto e branco na luta pela sobrevivência.

Escrevi o meu primeiro artigo quase que inteiramente de memória, mesmo precisando recorrer, uma vez ou outra ao *Google*. Uma coisa engraçada porque era justamente o *Google* que estava sucedendo e derrotando as enciclopédias, tão veementemente elogiadas e consultadas anos a fio, com a imodéstia sanha da eternidade. Não podia ser considerada uma pessoa razoavelmente bem informada, um pouco mais do alfabético, quem não tivesse uma enciclopédia em casa. Eram tantas e muitas. Mas a enciclopédia que marcou a minha adolescência – de muitos e de muitos brasileiros e, creio, de muitos e muitos estrangeiros – e que fez inveja a muita gente foi *O tesouro da juventude*, espécie de carta de alforria da educação de meninos e meninas que entravam no ginásio. Quem possuía o *Tesouro* era uma espécie de sábio, mesmo que não tivesse lido ainda uma única palavra e posava de superior, pronto para tirar as melhores notas nas provas do colégio.

Escrevo tudo isso porque revivi estas questões no instante exato em que li o convite da *Barsa*. Naquele instante eu estava recebendo o atestado de sábio e me tornava mais do que um jornalista, mais do que jornalista e escritor, muito mais do que tudo isso, um zumbi das letras. Uma espécie de prêmio do eterno. Cabia-me o título de Conselheiro dos conselheiros.

Vivi, durante muito tempo, a frustração de não ter em minha estante – os jovens também tinham estantes e livros, muitos livros – um *Tesouro da juventude* e, portanto, não era, nem feiticeiro nem eterno. Cabia-me, unicamente, a inveja. Não passava de um simples mortal e, menos ainda, de um sertanejo que descortinava, com muito sacrifício, as colinas do saber no pomposo Colégio Salesiano do Sagrado Coração, na rua Dom Bosco, bem no centro do bairro da Boa Vista.

Daí por que escrever para um Enciclopédia era uma espécie de realização absoluta, e uma mesquinha vingança do passado, sem esquecer a plenitude do voo para a eternidade. As academias tornam eternos os escritores, mas as enciclopédias tornam ainda mais, mesmo não sendo o *Tesouro da juventude*.

E é por isso que estou aqui inscrevendo o meu nome – junto com a *Barsa* – no livrinho do Eterno. Esse eterno que parece que apenas as palavras conseguem, de fato, alcançar.

PERFIL

Sobre partilhar a solidão que é a literatura

Valter Hugo Mãe discorre sobre o isolamento que sua aldeia lhe proporciona

Ricardo Viel

Há um par de anos Valter Hugo Mãe foi convidado para um festival literário na Madeira. Acabara de sair de um relacionamento, sentia-se derrotado e sem ânimo, mas foi convencido de que a paisagem e a energia da ilha lhe fariam bem. O efeito foi o contrário. Dar-se com a natureza em sua plenitude e não ter com quem partilhar aquilo que testemunhava, não ter a quem telefonar para falar sobre a beleza que via só fez aumentar seu abismo interior. Aquela primeira viagem à ilha portuguesa serviu-lhe para reforçar a convicção de que o sentido da vida são os outros, e que se não tivermos nem a expectativa do fim da solidão tornamo-nos bichos. Em termos gerais é sobre isso que fala *A desumanização*, seu mais recente romance – lançado em outubro em Portugal e recém-chegado ao Brasil.

“A beleza da lagoa é sempre alguém. Porque a beleza da lagoa só acontece porque a posso partilhar. Se não houver ninguém, nem a necessidade de encontrar a beleza existe nem a lagoa será bela. A beleza é sempre alguém, no sentido em que ela se concretiza apenas pela expectativa da reunião com o outro”, anota Hugo Mãe nas primeiras páginas do livro. Sexto romance do escritor português nascido na Angola (1971), *A desumanização* dialoga com *O filho de mil homens*, seu texto anterior. Ambos abordam a questão da ausência, da paternidade/maternidade e do amor, embora desde perspectivas diferentes. Ali estão muitos desejos e medos do autor, e muitas das perguntas que ele tem feito a si mesmo. “A literatura é exatamente ir à procura do que não sabemos. Escrevo livros para descobrir algo sobre mim que me faça gostar de mim. E por isso tenho de procurar, não é fácil.”

Mas ainda que o belo só exista em companhia, Valter Hugo Lemos Henrique de Carvalho (o Mãe foi adotado quando virou escritor) optou pela solidão. “Um homem não é independente ao menos que tenha a coragem de estar sozinho”, diz a epígrafe de *A desumanização*, que foi escrito durante os meses em que Hugo Mãe passou isolado na Islândia. A frase é do escritor islandês Halldór Laxness, e serve de farol para o português. Valter mora na pequenina aldeia de Vila do Conde, próximo do Porto (Norte de Portugal), e evita, tanto quanto pode, sair dali para não distrair-se do que não é seu ofício – até por telefone é difícil falar com ele. Vive só. Até o momento não cumpriu o sonho de ser pai. Na vila convive diariamente com uma implacável consciência que a todo momento o cobra e o faz questionar-se se o que está fazendo vale para algo. Nem os prêmios (como o José Saramago, em 2007, e o Portugal Telecom, em 2012) e a legião de leitores amenizam essa “acusadora e punitiva” consciência, como ele próprio a qualifica. “Os prêmios e os leitores são algo gratificante, mas ao mesmo tempo responsabilizador, o que faz com que minha angústia só cresça”. E foi sempre assim?, pergunto. “Fui sempre muito cruel comigo, mas agora vai a pior”, confessa. “Vivo muito angustiado com essa ideia de saber se estou melhor, e se mereço alguma coisa, se mereço o que tenho, e até se mereço inclusive esperar melhorar mais ainda.”

E embora todas essas questões internas, todos esses conflitos, Valter sente-se em paz. “Hoje sou alguém pacificado”, me disse no dia em que nos conhecemos (quando lhe pedi uma entrevista). Um dia depois almoçamos juntos, tive tempo de fazer-lhe todas as perguntas que quis, e voltamos a falar sobre sua “pacificação”. De ler o que escrevia e das entrevistas que vira, tinha a impressão de que era uma pessoa que envelhecera prematuramente. Mudei de opinião. Já não me parece alguém resignado, cansado da vida, mas sim uma pessoa cuja serenidade advém da sabedoria. “Minha angústia em relação à literatura não me retira essa espécie de calma, essa espécie de paz, que é uma paz complexa mas é muito efetiva a que cheguei”. Um homem pacificado que ao aceitar o que a vida lhe deu (e principalmente o que não lhe deu) atingiu um equilíbrio. “Eu nunca esperei da vida, nunca tive objetivos, nunca imaginei que podia ser escritor. Costumo dizer que a pessoa mais importante que meus pais conheciam na aldeia era o carteiro, nem passava na minha cabeça a hipótese de ser escritor”. Por conta disso, pelo improvável que tornou-se real, Hugo Mãe sente-se agradecido, embora não saiba bem a quem – tem a palavra TAKK, que em islandês significa obrigado, tatuada no corpo. Na infância foi

religioso. Hoje vive numa fase de fé em outras metafísicas. Crê, “cada vez mais”, que um livro possa salvá-lo, e eventualmente a mais alguém. “Tenho aprendido a aceitar a utilidade dos livros, porque eles servem a mim para alguma coisa, inegavelmente, como escritor e autor. Sempre foram capazes de me mudar a vida. Por isso, vale a pena arriscar”. E é por isso que continua escrevendo. À procura de algo. E sempre em fuga. “Sempre faço o livro seguinte bem distante do anterior. O meu primeiro livro se chama *Silencioso corpo de fuga* e já era isso, uma tentativa de fugir de alguma coisa que acho pouca, pequena, e que se calhar sou eu.”

(DES)UNIÃO BRASIL PORTUGAL

O nome de Valter Hugo Mãe era completamente desconhecido no Brasil até a *Flip (Feira Literária Internacional de Paraty)* de 2011. O português chegou àquela edição com apenas um livro publicado (*o remorso de baltazar serapião*). Quando muito era citado como “aquele que escrevia em minúsculas”. Naquela estreia na *Flip*, Hugo Mãe lançava *O filho de mil homens* (o primeiro romance em que adota as maiúsculas), mas durante sua intervenção, ao invés de tentar “vender” seu livro, decidiu ler um texto escrito na noite anterior e que contava sua relação, nascida na infância, com o Brasil. Emocionou uma plateia de duas mil pessoas, e chorou com ela. “Isso de chorar no Brasil é assim: eu já tinha chorado em todo lado, eu choro em todo lado em Portugal. E não deu para segurar porque as pessoas estavam a chorar diante de mim. Comoveram-se, e eu percebia isso. E levantaram-se. Eu estava no Brasil pela primeira vez enquanto autor publicado, ninguém me conhecia, era uma coisa nova, e as pessoas terem acreditado em mim daquela forma foi muito forte. É gratidão. No fundo, tudo o que fazemos e todas as coisas que nos propomos só tem isso em causa: estabelecer uma relação de confiança com os outros.” Foi embora aclamado e agora volta sempre.

“A beleza da lagoa é sempre alguém, no sentido em que ela se concretiza pela expectativa da reunião em relação com o outro”

Sua primeira ida ao Brasil foi aos 29 anos, quando ainda começava a escrever os primeiros textos. “Foi a primeira viagem que eu fiz de avião, foi a primeira viagem que paguei com meu dinheiro, a primeira viagem que pude fazer”. Ficou um mês na Ilha da Conceição (RJ), na casa de amigos de conhecidos. Aquele mundo novo foi um choque de realidade. Não havia espaço para seus complexos e sua timidez, era “obrigado” a partilhar a vida com desconhecidos, e depois do susto inicial apaixonou-se por aquilo. “Fui convidado para batizados, casamentos de pessoa que nunca tinha visto”, relembra, e se diverte. “A alegria dos brasileiros tem uma urgência. Foi isso que eu aprendi na Ilha da Conceição durante o mês que eu estive lá nesse lugar pobre, de gente humilde que rala e que ao invés de fazer como o português, que chega à casa e chora, ou faz terapia, o brasileiro dança.” Aquela viagem marcou sua vida. “Continuei inibido, tímido, mas voltei achando que se alguma coisa me pode ajudar essa coisa é o Brasil”.

Mas se sua relação com o Brasil é de amor (recíproco), a do Brasil e Portugal é muito menos alegre, admite. “Não passa muita coisa de um país ao outro, passa sobretudo o preconceito. E eu fico um pouco no meio disso tudo, porque há essa percepção de que no Brasil eu dei um pouco certo, que conquistei leitores.” Seu sucesso nas terras da

JANIO SANTOS



ex-colônia incomoda a muita gente na ex-metrópole. “É uma coisa muito agressiva. Isso é um preconceito puro, o de achar que alguém como eu não pode fazer algo que os outros não fizeram, e depois mais do que isso, mais grave, muita gente acreditar que o Brasil não lhes vai entender, não vai ter referência suficiente, como se não tivesse cultura, como se a cultura fosse de tal maneira distinta que não pudessem perceber como somos, entender um livro nosso.”

A ignorância vem de ambos lados, pondera. “O Brasil pode cair no erro de pensar que somos todos novecentistas, que temos uma cultura fechada, que somos todos um bocadinho peças de museu. Um país antigo, onde só se pensam coisas antigas. É um pouco frustrante que os brasileiros venham a Portugal e fiquem à procura do bigode das mulheres, e é meio isso que acontece muitas vezes.” Conhece todas as piadas de português. Não acha graça, mas as considera brincadeira de criança perto do tratamento que muitas vezes testemunha do outro lado. “Uma das coisas que eu combato muito, em que sou muito crítico e severo, tem a ver com a imagem da mulher brasileira aqui. Há uma facilidade em achar que quando se vê uma mulher brasileira ela possa ser prostituta. Isso é de uma violência enorme. Isso é muito feio, e é por isso que ainda vamos andar à porrada muito tempo.”

A LITERATURA É UM DEDO APONTADO AO ESPELHO

Um mês antes dessa conversa que tivemos, Valter Hugo Mãe havia recebido dois duros ataques. Ainda acusava os golpes. Custava-lhe entender os motivos, e contou que embora não rebatera as agressões era difícil superá-las porque cada vez que encontrava um amigo o assunto voltava. Queriam dar apoio, solidarizar-se, mas não o deixavam esquecer o dissabor. “Há gente que nem conheço, com quem nunca estive ou que me viram uma vez na vida, que não sabem nada sobre mim e presumem que sabem, e que tem por mim um ódio irracional, que me tratam como se eu fosse um inimigo público, como se eu tivesse morto gente.” O fato de não frequentar os ambientes literários, de não fazer questão de ter amigos no meio faz com que seja um alvo mais fácil de pedradas – que têm crescido em Portugal na mesma proporção que seu sucesso. “Às vezes as pessoas se irritam por eu ter nas minhas crônicas, em geral, um discurso de elogio. Nelas, ou eu digo mal do governo, porque acho que isso faz parte de todo bom cidadão, ou falo bem de alguém. E muitas vezes são pessoas que não conheço ou nunca vi, não está em causa a amizade. E há gente que me odeia por isso.”

No final de *A desumanização*, após cometer um ato bárbaro, a personagem principal aposta em um perdão futuro. Seu argumento é: “Sabia que

me perdoaria. Pensei. Quem não sabe perdoar só sabe coisas pequenas”. Nessa busca por ser alguém melhor, Valter Hugo Mãe agarra-se à literatura. “Quando estou a ponto de prevaricar, lembro que escrevi que quem não sabe perdoar só sabe coisas pequenas.” Cada livro é um dedo a apontar-se a si mesmo, ou ao espelho. “Sobretudo no que diz respeito aos amores e essas coisas com as quais não podemos ser pragmáticos, a literatura dá-me isso, obriga-me a ponderar, a pensar duas vezes, e às vezes dá-me o exemplo. Obriga-me a pensar de que modo é que guardo meus remorsos e fico a remoer minhas mágoas”.

Foi abraçado aos livros, e negociando com a vida, que Hugo Mãe domesticou seus demônios e alcançou essa pacificação de que fala, e que se sente. A literatura deu-lhe muito, e lhe ensinou a conviver com as frustrações. Ensinou e exigiu o perdão e, em suas palavras, obriga-o diariamente a tentar ser uma pessoa boa. “As poucas pessoas que me agrediram na vida, gente que fez parte dos meus amigos e deixaram de fazer por agressões violentas à minha vida, posso dizer que não lhes guardo rancor. São pessoas que se algum dia precisarem podem contar comigo, é tão estranho quanto isso”, diz e sorri, talvez porque acaba de lembrar daquilo que escreveu sobre o perdão e as coisas pequenas.

HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



Assine.

Revista Continente.
Conteúdo é tudo.

0800 081 1201

e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



O COMPUTADOR QUE QUERIA SER GENTE
Homero Fonseca

Certo dia, Joãozinho, um garotinho de 10 anos, e Ulisses, seu computador, decidem trocar de lugar por 24 horas. A máquina queria saber como é ser um humano, por pensar que teria toda liberdade que quisesse.

R\$ 30,00



O DIA EM QUE OS GATOS APRENDERAM A TOCAR JAZZ
Pedro Henrique Barros

Com esta narrativa impactante o carioca Pedro Henrique Barros venceu o Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil de 2011, na categoria juvenil.

R\$ 35,00



CONTRATO COM VAMPIROS
Délcio Teobaldo

Contrato com Vampiros retrata a curiosidade da personagem sobre a verdadeira identidade de um garoto que se apresenta como vampiro. Indicada para os amantes do sobrenatural, a obra foi escrita pelo mineiro Délcio Teobaldo e ganhou ilustrações do paraibano Shiko.

R\$ 40,00



O FOTÓGRAFO
CLÁUDIO DUBEUX

Álbum que reúne fotografias tiradas pelo empresário, industrial do açúcar e fotógrafo amador. Possui um rico acervo documental da expansão da malha ferroviária do Nordeste e do cotidiano das famílias recifenses do século 19.

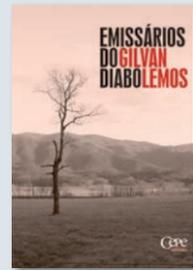
R\$ 95,00



OS ESCORPIÕES
Gastão de Holanda

O livro narra o relacionamento de um grupo de adolescentes no Recife nos anos 1930. São jovens sérios, preocupados com a cultura e os sentimentos. Seu processo de amadurecimento perpassa toda a trama.

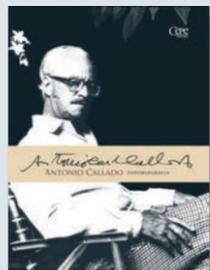
R\$ 40,00



EMISSÁRIOS DO DIABO
Gilvan Lemos

Em *Emissários do Diabo* o conflito pela posse da terra é o centro do enredo e o que move todas as paixões. O personagem central é Camilo Martins, que cultiva uma pequena propriedade perto da fazenda do seu tio, Major Germano.

R\$ 25,00



ANTONIO CALLADO FOTOBIOGRAFIA
Ana Arruda Callado (Org.)

Organizado por Ana Arruda Callado, viúva do biografado, *Antonio Callado Fotobiografia* percorre toda a trajetória do escritor, dramaturgo e jornalista, numa sucessão de textos curtos e saborosos.

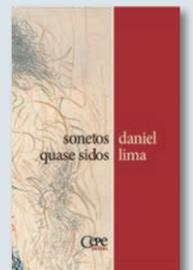
R\$ 90,00



CRÔNICAS
Joca Souza Leão

O ex-publicitário Joca Souza Leão, ao aposentar-se, descobriu-se um cronista de mão cheia, que aborda tanto o cotidiano quanto os problemas da cidade, sempre com um toque de inteligência, ironia e bom humor.

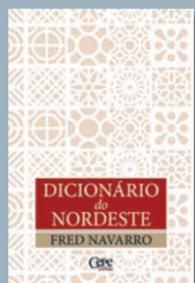
R\$ 50,00



SONETOS QUASE SIDOS
Daniel Lima

“Como serei depois de quase um ano de morto, e ainda muito mais, mortíssimo?” Questões que nem todo mundo tem coragem de encarar, prendem a atenção do leitor nas páginas de *Sonetos quase sidos*, o novo livro do padre-poeta Daniel Lima.

R\$ 40,00



DICIONÁRIO DO NORDESTE

Dicionário do Nordeste, do jornalista pernambucano radicado em São Paulo, Fred Navarro, é fruto de 21 anos de minuciosa pesquisa. A obra reúne em suas 711 páginas mais de dez mil verbetes e expressões usadas em todos os estados da região e nasceu da necessidade de “traduzir” para os colegas certos termos normalmente empregados por ele em seu dia a dia nas redações paulistas. O livro tem prefácio do gramático Evanildo Bechara, da Academia Brasileira de Letras.

R\$ 70,00



A EMPAREDADA DA RUA NOVA

Livro mítico da literatura pernambucana, *A Emparedada da Rua Nova*, escrito por Carneiro Vilela, deve seu sucesso, em grande parte, ao mistério que cerca sua criação: o autor teria retratado um crime verdadeiro e hediondo, em que uma moça indefesa fora emparedada viva, pelo próprio pai, “em defesa da honra da família”? Ou teria Vilela, usando recursos estilísticos de grande qualidade, criado a estória que, de tão bem construída, faz com que até hoje muita gente acredite que ele se baseou em fatos reais?

R\$ 45,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

INÉDITOS

Ricardo Domeneck



O intraduzível e Stein

A intraduzibilidade tornou-se quase um valor literário a partir do século 20, especialmente com os experimentos do Alto Modernismo e das vanguardas históricas. Chamar de intraduzível a um autor ou autora é dar-lhe um selo de qualidade, uma aura de autoridade. Em geral, o epíteto é reservado aos escritores que se dedicaram a complexas experimentações semânticas e sintáticas em seus textos, criando verdadeiros geradores de palavras, em neologismos, recursos a expressões arcaicas, mesclas de diferentes registros e tons, fazendo da leitura um ato de decifração e arqueologia. Pensamos em James Joyce na língua inglesa, Carlo Emilio Gadda na italiana, Robert Musil na alemã, José Lezama Lima na espanhola, João Guimarães Rosa em português. São autores barroquizantes, desbordados, unindo à densidade textual ainda uma qualidade quase fluvial aos seus livros, épicos, catataus, calhamaços, como *Finnegans Wake* ou *Grande sertão: Veredas*. Nestes trabalhos, a função poética, como teorizou Roman Jakobson, a linguagem que constantemente demanda a atenção para si, faz com que chamemos estes prosadores, com frequência, de poetas. É nesse aspecto que nos referimos à palavra em um poema como resistente à transparência do signo. O nome da coisa não está lá para nos fazer pensar na coisa, mas em seu nome. E só então na coisa. Não o nome da coisa, mas a coisa do nome.

Há um outro tipo de texto que apresenta uma grande dificuldade ao tradutor, ainda que escondida sob uma máscara de aparente simplicidade. São justamente os textos que se mostram de maneira tão direta e comunicável, dependendo de tal forma de seu registro oral, de uma quase fala, que sua reprodução em outra língua e cultura raramente consegue reproduzir os mesmos efeitos. Sempre me pareceu que o adágio de que “a poesia é o que se perde na tradução” se referia mais a estes textos que aos experimentos de semântica. Por vezes, o tom é tudo. Basta pensarmos em poemas como “O porquinho-da-índia”, de Manuel Bandeira, ou “*This is just to say*”, de William Carlos Williams.

Pensando nestes termos e nestes dois polos, uma das grandes provas da originalidade de Gertrude Stein reside em unir em si parte destas duas dificuldades. Não há neologismos em Stein. Suas palavras são aquelas do dia a dia, usadas em parar, já quase invisíveis aos nossos olhos. Sua citação mais famosa, seu cartão de visitas, pode nos dar um exemplo perfeito aqui: *Rose is a rose is a rose is a rose*. Formado por algumas das palavras mais comuns da língua inglesa, o estranhamento reside todo na combinação. Em uma de suas palestras, Stein disse: “Escuta aqui. Eu não sou nenhuma idiota. Eu sei que na nossa vida diária ninguém sai por aí dizendo é uma... é uma... é uma. É, eu não sou nenhuma idiota; mas eu acredito que neste verso a rosa ficou mais uma vez vermelha na poesia inglesa em cem anos”. O que havia se tornado completamente gasto na poesia, fazendo da rosa um clichê, assume vida nova não pela criação de alguma

palavra-valise, como em Joyce, mas pela simples justaposição do nome da coisa ao nome da coisa, impedindo que o leitor simplesmente decodifique o nome-rosa pela coisa-rosa. O leitor é obrigado a parar e olhar não a rosa em si, mas a palavra rosa.

Mas mesmo a declaração de Stein pode ser enganosa. Sim, ninguém sai por aí falando desta maneira. No entanto, há uma força rítmica que é muito própria da fala em certos textos de Stein. Isso se torna muito claro em trabalhos em prosa como *A autobiografia de Alice B. Toklas*, que ganha muito ao ser lido em voz alta. Ou, nos exemplos traduzidos aqui, em um de seus mais belos poemas, o longo e amoroso *Lifting Belly*, aqui vertido como “Erguer Barriga”. Escrito no início da década de 1930, ele se assemelha a uma corrente de declarações ditas entre beijos ofegantes por amantes na cama. É o texto mais erótico de Stein. Com uma descrição apenas levemente velada do que se passa entre mulheres na cama, o texto é pontuado também pelo que parecem fragmentos de conversa entre as duas mulheres apaixonadas. As repetições não estão distantes da fala, das reiterações de sentido: “*Kiss my lips. She did. / Kiss my lips again she did. / Kiss my lips over and over and over again she did*”. Assumem uma função de estruturação por som, sempre muito forte nos textos de Stein, mas também descrevem a maneira como nos repetimos em nossos pedidos algo obsessivos, as exigências de provas de amor que fazemos para namorados. Há sempre um jogo entre familiaridade e estranheza nos textos da americana.

O poema extraído de sua série *Before the flowers of friendship faded friendship faded* é outro bom exemplo disso. O desafio começa no título, com sua estruturação sonora em torno da letra F. Com línguas tão distintas como o inglês e o português em sua organização gramatical, criando relações mais fixas entre as palavras e suas funções na frase, é muito difícil recriar os jogos sonoros de Stein e ainda assim manter os jogos sintáticos. Minha opção, ao traduzi-la, é sempre o de respeitar som e ritmo acima de significado. Porque a lógica dos seus textos é mais uma lógica de audição que de raciocínio.

Já se falou sobre o aspecto político desta prática de Stein. Já se chamou sua escrita até mesmo de democrática. Mas como, se tantos a têm como incompreensível? É aqui que se torna importante chamar a atenção mais uma vez para o fato de que o poeta, antes de dizer, faz. Ao concentrar-se na sintaxe mais que na semântica, Stein põe em jogo constantemente a relação das coisas e das palavras. Em um texto seu, não há hierarquia entre um substantivo, um pronome, um verbo e uma preposição. Mesmo a mais comum das palavras, um artigo, por exemplo, assume tanto valor de significado quanto um substantivo. Não há palavra concreta e palavra abstrata para ela. Apenas palavras, e todas com o mesmo peso em si, já que tudo se definirá pela sua relação com as outras palavras. Se pensarmos em palavras como indivíduos, veremos o que há nisso de politicamente revolucionário.

INÉDITOS

Gertrude Stein

Tradução: Ricardo Domeneck

Erguer Barriga (excerto)

Beija minha boca. Ela beija.
 Beija minha boca de novo ela beija.
 Beija minha boca sempre de novo e de novo ela beija.
 Eu tenho penas.
 Belos peixes.
 Você pensa em damascos? A gente os acha muito lindos.
 Não é só sua cor são suas sementes o que nos encanta. A
 gente acha isso uma mudança.
 Erguer barriga é tão estranho.
 Eu vim pra falar disso.
 Passas bem escolhidas suas uvas uvas são boas.
 Mude seu nome.
 Pergunta e jardim.
 Está chovendo. Não fale disso.
 Meu bebê é uma almondega. Eu quero dizer-lhe uma coisa.
 Velas de cera. Compramos muitas velas de cera. Algumas
 com enfeites. Não hemos de acendê-las.
 Eu não cito rosas.
 É óbvio.
 É verdade.
 Pergunta e manteiga.
 Eu acho a manteiga muito boa.
 Erguer barriga é tão gostoso.
 Erguer barriga toda gorda.
 Isso não a deixa boquiaberta?
 Você me queria sim.
 Diz isso de novo.
 Morangueiro.
 Erguer barriga de lado.
 Erguer barriga de tília.
 Cante pra mim eu digo.
 Umas são esposas não heroínas.
 Erguer barriga sozinha.
 Cante pra mim eu digo.
 Erguer barriga. Reverbera.
 Erguer barriga avizinha mais prêmios.
 Serve e cabe.
 Eu coube num chapéu.
 Coube mesmo?
 O que você disse que me desculpasse? Papel difícil e
 jogado.
 Erguer barriga é tão gostoso.

Estrofes em meditação

Ela pode contar três margaridas muito bem
 Multiplicando seja por seis nove ou quatorze
 Ou ela pode bem ser citada tal doze
 Quais eles talvez gostem eles logo quiçá gostem
 Ou mais que nunca quais desejem em botão
 Tanto quanto arranjam quais queiram.
 Ou eles podem vestir onde preciso for diga
 Podem chamar um chapéu ou chapéu um dia
 Ora feito feliz porque é assim.

Estude a natureza

Eu faço.
Vítima.
Vendas
Feitas
Varrem
Ela
Menos.
Foi uma decepção
Nós dizemos.
Estude a natureza.
Ou
Quem
Domina.
Ortografia
Sem pronúncia.
Ela
Deixava
Boquiaberta
A
Nem
Uma
Por
Oferta
Estude da natureza.
Eu
Estou
Totalmente
Contente.
Eu
Estou
Contente
Totalmente.
Com.
Isso.
É muito provável.
Eles assim dizem.
Oh.
Eu quero.
Fazer.
O que
É
Depois
Para
Ser
Melhorado.
Pelo.
Virar.
Com virar de lado.
Eu espero.

De “Antes que se amassassem as ameixas da amizade amassou-se a amizade”

Amo meu amor com v
Porque é assim sim
Amo meu amor com b
Que eu sou além disso
Um rei.
Amo meu amor com i
Que ela é a rainha.
Amo meu amor com i i é o lindo disso.
Pense bem e vire um rei.
Pense mais e pense assim.
Amo meu amor de chapéu e de brim.
Amo meu amor não por isso ou aquilo.
Amo meu amor com ípsilon porque ela é meu esquilo.
Amo-a com um x porque ela é meu amor de mim.
Obrigado por estar comigo.
Ninguém tem que saber disso.
Obrigado por estar assim.
Porque você não está ali.

E com ou sem mim o que é e sem ela ela nem vem cedo assim e tal e tão e tudo ao redor de nós lá e aqui eis que ora chega a hora que se berra eu e ela.

RESENHAS

DIVULGAÇÃO



A instância de ficção a recobrir a tal da realidade

Em livro lançado agora no Brasil, Fresán cria uma falsa e necessária ficção científica

Schneider Carpegiani

Antônio Xerxenesky escreveu um artigo, para o site da Cosac Naify (<http://editora.cosacnaify.com.br/blog/?tag=rodrigo-fresan>), sobre a pergunta que, cedo ou tarde, irá cair no colo de qualquer escritor: “Qual livro você gostaria de ter escrito?”. Sua resposta passou longe dos clássicos de sempre. Queria mesmo era ser o autor de *O fundo do céu*, romance de fundo falso do argentino Rodrigo Fresán. Se não o escreveu, Xerxenesky ao menos foi o responsável pela tradução dessa obra, escrita por um dos nomes mais inventivos da literatura hispano-americana contemporânea, mas que permanece um quase desconhecido para os brasileiros – antes apenas *Jardins de Kensington*, já esgotado, havia saído por aqui.

“*O fundo do céu*, por sua vez, é a carta de amor de Fresán ao universo da ficção científica. Lá estão, mascarados com pseudônimos, as figuras de Philip K. Dick, Isaac Asimov, Arthur C. Clarke e H. P. Lovecraft (que não é

ficção científica *stricto sensu*, mas inspirou muita gente da área). As múltiplas tramas do livro giram em torno disso, do amor dos personagens e narradores pelo gênero mais imaginativo da história, e eles se comunicam conosco, os leitores, com palavras roubadas desse vocabulário espacial e especulativo”, explica Xerxenesky sobre os motivos do seu afeto por *O fundo do céu*.

É curioso o quanto muitos autores hispano-americanos construíram, nas últimas décadas, obras em que uma instância ficcional recobre os personagens como uma gaze de proteção. Foi o caso de Albertu Fuguet, em *Baixo astral*, com a cultura pop criando uma necessária barreira contra as notícias do patriarca Pinochet. Ou do *nerd* do fim do mundo descrito por Junot Díaz, em *A fantástica vida breve de Oscar Wao*.

Aqui temos um livro de ficção por cima de outro: todos os personagens fingem acreditar que a vida é ficção científica.

Talvez um dos maiores perigos a cercarem os personagens seja o amor, como aponta a passagem: “(...) a ficção científica e o amor nunca se deram muito bem. Ou talvez sim: pois, de uma maneira ou de outra, todos somos abduzidos pelo amor, essa força extraterrestre e sempre diferente cuja linguagem tentamos, em vão, compreender”.

Ou como o próprio autor aponta no posfácio: “Antes de tudo: este não é um romance de ficção científica. Este – foi e será – um romance com ficção científica. Depois de tudo: um dos livros que mais li e reli não é um romance de ficção científica, mas com ficção científica”.

Vale destacar a referência que a obra faz para Roberto Bolaño, um dos principais norteadores da escrita de Fresán, numa frase retirada de *Estrela distante*, sobre o reencontro com um criminoso dos tempos da ditadura de Pinochet, que o chileno classifica como um habitante do “planeta dos monstros”.

Talvez nessa referência exista uma chave para entendermos essa instância ficcional que envolve os escritores: talvez a atual geração da literatura hispano-americana esteja querendo aprender a lidar com os fantasmas dos monstros políticos da história do continente.



ROMANCE

O fundo do céu

Autor - Rodrigo Fresán

Editora - Cosac Naify

Preço - R\$ 39,90

Páginas - 352

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

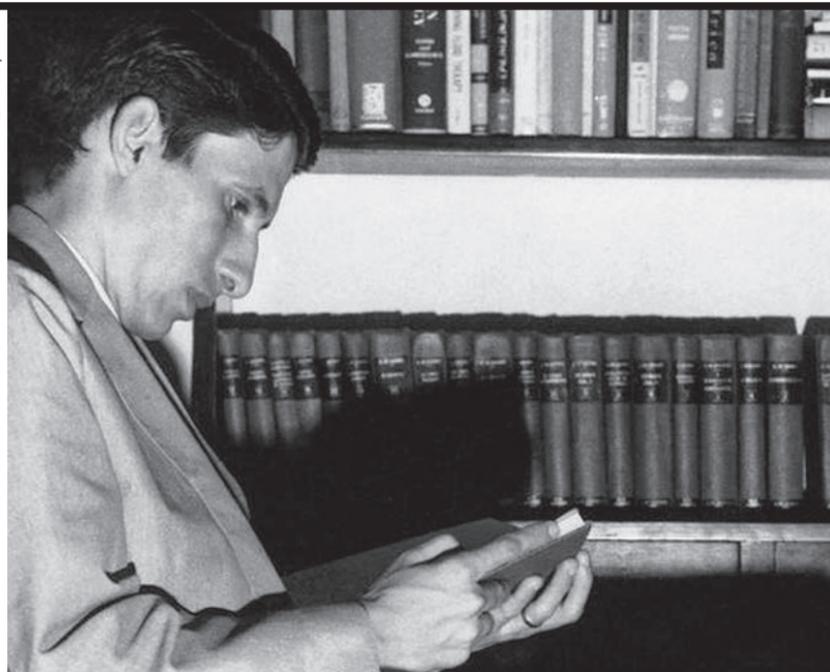
PRÊMIO LITERÁRIO

Instituto Maximiano Campos de Literatura abre inscrições para o seu 10º Prêmio

Em homenagem à vida e obra do escritor e poeta pernambucano Maximiano Campos, estão abertas até 30 de julho as inscrições ao 10º Prêmio Literário do instituto que leva seu nome. O concurso de contos e minicontos é extensivo a autores de todos os países de língua portuguesa. O vencedor recebe prêmio em dinheiro (R\$ 4 mil para o primeiro colocado e R\$ 2

mil para os outros) e será publicado pela Editora Carpe Diem. Campos lançou 17 livros, o primeiro dos quais, o romance *Sem lei nem rei*, sua obra mais conhecida e que rendeu um filme, trata das desavenças políticas entre coronéis do Sertão e da Zona da Mata. Ele foi cronista do *Diário de Pernambuco* e superintendente do Instituto de Documentação da Fundaj.

REPRODUÇÃO



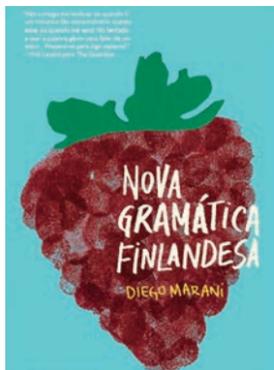
DIVULGAÇÃO



A língua da ausência

Nem a segunda guerra mundial nem o ferimento que quase tira a sua vida é uma tragédia tão grande para aquele homem quanto a perda de sua memória: mais que as próprias experiências, ele perdeu sua habilidade linguística e, sendo assim, sua identidade, sua pátria, e - nunca será exagero dizer - a capacidade de sentir plenamente, de amar. O que é a guerra, a morte e o amor, afinal, sem as letras e as vozes que podem lhes dar forma e significado, sem o discurso que os constrói? A partir dos únicos indícios aparentes, o médico finlandês responsável por sua recuperação acredita que este homem é seu conterrâneo Sampo Karjalainen, nome gravado na japona que vestia. Decide ensinar a língua e levá-lo à Helsinki para despertar lembranças. Sampo, mesmo envolvido pela possibilidade e pelos trechos que compreende das românticas pregações

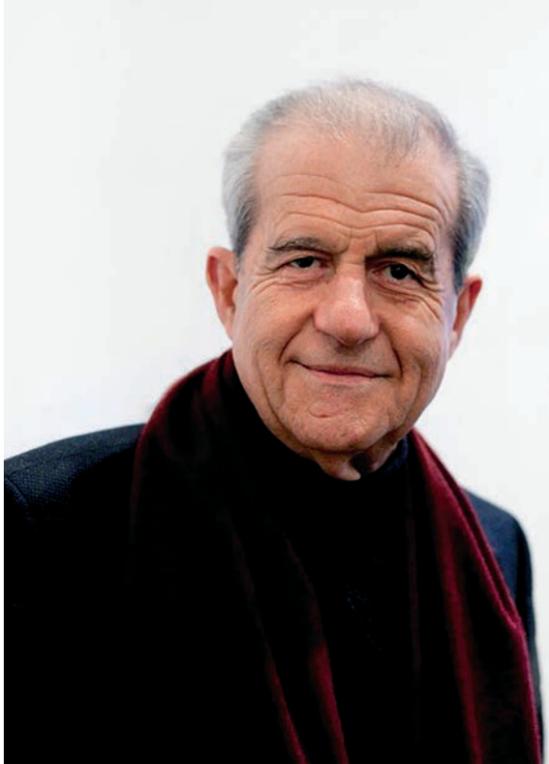
nacionalistas ao seu redor, sente um grande vazio nas sílabas que aprende. Um livro sobre ausência (o caso abessivo encanta Sampo!), com narrativa lenta e reflexiva, que usa o caos de uma guerra para refletir sobre a poesia e a força da linguagem. Impossível não ressentir o que fica pra trás com a tradução. **(Lais Araújo)**



ROMANCE

Nova gramática finlandesa
Autor - Diego Marani
Editora - Companhia das Letras
Preço - R\$ 39,50
Páginas - 184

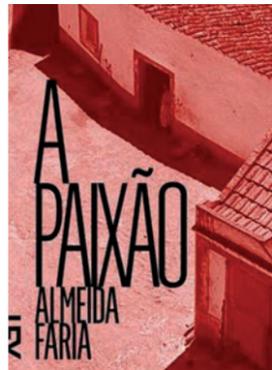
DIVULGAÇÃO



Orquestra de vozes

O português Almeida Faria é um dos maiores nomes da literatura da nossa língua. Ao conjunto de sua obra foi atribuído o prêmio Vergílio Ferreira da Universidade de Évora e o prêmio Universidade de Coimbra. Apesar disso, não costuma ser um dos nomes mais fáceis de encontrarmos nas livrarias brasileiras. Mas este mês a Cosac Naify lança uma nova edição desse que é um dos livros mais importantes do autor. Originalmente publicado em 1965, este romance-poema faz parte da chamada Trilogia Lusitana e influenciou, entre outros, Raduan Nassar, no seu *Lavoura arcaica*. Dividido em três partes (Manhã, Tarde e Noite), *A Paixão* se desenrola durante a Sexta-Feira Santa, numa

propriedade rural do Alentejo, sul de Portugal. Almeida Faria dá voz aos diversos habitantes da casa: pai, mãe, filhos, empregados. Os fluxos de consciência se alternam, assim, a cada capítulo, e compõem uma verdadeira sinfonia polifônica, de uma verdadeira orquestração magistral.



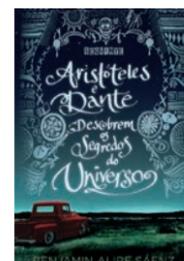
POESIA

A paixão
Autor - Almeida Faria
Editora - Cosac Naify
Preço - R\$ 44,90
Páginas - 224

PRATELEIRA

ARISTÓTELES E DANTE DESCOBREM O SEGREDO DO UNIVERSO

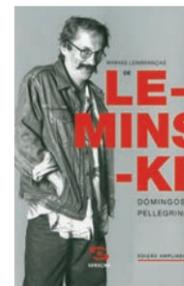
Dois adolescentes de personalidades totalmente opostas, Dante e Aristóteles, iniciam uma amizade que se fortalece com o tempo, a medida que a autoconfiança de um vence as barreiras colocadas pela timidez e introspecção do outro. Logo, eles compartilham livros, discutem ideias, brincam e sonham juntos. Aos poucos, redefinem seus próprios mundos, ao descobrir que o amor e a amizade podem desvendar os segredos do Universo.



Autor: Benjamin Alire Saénz
Editora: Companhia das Letras
Páginas: 392
Preço: R\$ 36,50

MINHAS LEMBRANÇAS DE LEMINSKI

Biografia não autorizada do poeta Paulo Leminski escrita pelo jornalista Domingos Pellegrini, que enfrentou uma briga judicial pelo direito de publicá-la sem censura. O autor apresenta os vícios e virtudes do poeta, a quem considerava assombrosamente inteligente. Mais que uma biografia ditada, o livro é de reminiscências de dois amigos que conviveram durante as décadas transformadoras de 1960/1970, sempre discutindo sobre arte, política e outros temas.



Autor: Domingos Pellegrini
Editora: Geração Editorial
Páginas: 200
Preço: R\$ 19,90

BETIBU

Para os fãs do gênero policial, a autora argentina que vem sendo apontada como revelação literária apresenta um *thriller* cheio de reviravoltas marcantes, em que o assassinato de um poderoso empresário portenho é investigado por uma escritora em crise criativa, um jornalista inexperiente da seção policial do jornal local e seu ex-chefe. Esse trio de investigadores improvisados acaba por fazer descobertas que revelam uma intrincada trama.



Autora: Claudia Piñeiro
Editora: Verus
Páginas: 294
Preço: R\$ 38,00

AMORES EXILADOS

História de amor que envolve brasileiros exilados na França, que se dividem entre a paixão sensual e a discussão de ideias políticas, os percalços da militância e a saudade da sua terra. O livro foi lançado em 1997, com o título *Pedra de Santo*, mas ganhou retoques textuais, alteração da narrativa e da trajetória de personagens, resultando numa obra nova. O autor discute os principais temas políticos em voga durante os anos da ditadura.



Autor: Godofredo de Oliveira Neto
Editora: Record
Páginas: 240
Preço: R\$ 38,00

QUE VENHAM AS FEIRAS

Fernanda Torres vai lançar livro de crônicas na Flip

Muita gente não vê a hora que comece a temporada das principais feiras literárias do País. Uma das primeiras é a Feira Literária Internacional de Paraty (RJ), de 30 de julho a 3 de agosto, que terá a atriz Fernanda Torres como uma das atrações. Ela entra pra valer no universo da literatura ao lançar seu segundo livro, uma coletânea das crônicas que escreveu para vários jornais e revistas.

QUE VENHAM AS FEIRAS 2

Bienal do Livro de São Paulo tem convidados famosos

Outro evento muito esperado é a Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que será realizada em agosto, no Anhembi. Já estão confirmados os escritores Harlan Coben, mestre dos romances de mistério e número um na lista de mais vendidos do *The New York Times*; Cassandra Clare, autora da saga *Os Instrumentos Mortais*; Ken Follett, autor de famosos *thrillers*; e a inglesa Sally Gardner, *best-seller* com mais de 2 milhões de exemplares vendidos.

REVELL

Revista de literatura recebe textos inéditos até setembro

Poetas e contistas que queiram publicar na *Revell*, revista literária semestral da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, devem enviar originais inéditos até 30 de setembro para o e-mail revell@uems.br, para publicação em dezembro. A revista debate sobre as relações entre historiografia e literatura. O número de junho discute, entre outros temas, como pensar o conceito de literatura marginal em relação as produções literárias na América Latina.

CRÔNICA

Luís Henrique Pellanda

KARINA FREITAS

O cronista e a bondade de estranhos



De todos os tipos de escritor, o cronista é o que mais depende da gentileza de estranhos. Comigo é assim, não vou negar, mas finjo alguma autonomia. Faz parte do jogo literário, manter a pose independente. Uma vez, Rubem Braga relacionou o cronista a um cigano sem-teto, e lembro que aquilo me caiu bem. Ele disse que certos autores constroem casas imensas, sólidas, e nelas se estabelecem. O cronista não; ele arma sua tenda toda a noite e, pela manhã, já precisa desmanchá-la, jamais se assenta, tem que seguir viagem rumo a um novo anoitecer.

Bonita analogia. Também tenho aqui a minha barraca de lona vagabunda, mas, sem querer compará-la à do Braga, sei que, no duro, as coisas não são assim. Não somos bem ciganos, ninguém pode nos chamar de nômades, peregrinos ou andarilhos. Estamos sempre aqui, fixos, nas fundações do nosso jornal, da nossa revista, nas nebulosas da internet. Na real, montamos e desmontamos sempre a mesma tenda, e no mesmo terreno baldio. O que muda são os dias, o clima, o céu. Mas a loucura deste montar e desmontar não varia nunca, é ela que nos caracteriza. O absurdo é a estrada por onde avança toda a humanidade, mas é a própria casa do cronista.

Acho que temos mais em comum com as ciganas. Sim, andamos por aí à caça de homens e mulheres de boa fé. Caprichamos na fantasia, exibimos um duvidoso mostruário de acessórios, este festival de penduricalhos espelhados e dentes de ouro, armadilhas de lógica e estilo. Abusamos do kajal nos olhos, dos cílios postiços e das verdades postiças, das sombras e dos lenços floridos. Mas nada disso é gratuidade ou pompa, é apenas o teatro das ruas. Às vezes até podemos resvalar em alguma frivolidade, mas e daí? Nenhum texto prescinde de sua camada de maquiagem, e mesmo a cara limpa é também uma máscara, tudo no rosto humano é linguagem.

Somos meio ciganas, admito, e precisamos investir nessa questão do olhar, temos que valorizá-lo, é o nosso ganha-pão. Por isso nos espalhamos pela cidade em busca de clientes, vem cá, quero falar com você, vem cá, escute. Nosso trabalho é ler a mão do nosso tempo, dar ao mundo alguma notícia de seu destino. Ora, eu sei e todos sabem que isso, além de presunçoso, é uma impossibilidade, e não estou aqui para desmentir o mundo real. Mas, diante do impossível, há duas espécies de cronista: a que mente e a que imagina. Se eu disser que sou

um dos que imaginam, posso estar mentindo, e mesmo assim gostaria de ser pago.

E será tudo em troca de grana? Não. Gostamos de dinheiro, mas se dinheiro não houver, dez minutos de sua atenção nos bastam. Porque também nos excitam os sulcos em sua mão aberta, esta palma suada exposta às violências de nossa época. E somos curiosos, exagerados sim, vemos beleza em qualquer linha da vida, mesmo nas mais apagadas, e toda essa beleza evanescente nos comove, nos dá prazer. Agora, se vocês nos esnobarem e sumirem na próxima esquina, se nós passarmos em branco e ninguém nos ler, malditos sejam os seus olhos, pois os nossos já o são, condenados à miragem disto a que se chama cotidiano. Tudo para nós é invulgar, que inocência, somos escritores de boa vontade, e se praguejamos assim, com tanta leveza, é porque sabemos que, no fundo, praga de cronista não pega, é brisa marinha nos cabelos.

Mas eu falava da gentileza de certos estranhos, e já estamos no campo das ameaças. Tudo é carência. Rubem Braga escreveu que o cronista é um desajustado emocional, um neurótico do desabafo. Não sei, mas precisamos mesmo que os leitores nos deem o braço, que sentem conosco nesta mesa, nos paguem uma bebida e dancem com a gente, aprovelem nosso perfume e nos concedam alegria e assunto para o gasto. Vamos conversar, por favor, só eu e vocês, custa tão pouco, e minha vida, a felicidade de um dia, depende dessa nossa conversa à sombra das convenções, dessa delicadeza da parte de vocês, meus caros desconhecidos.

Perdão: se os chamo assim é porque a impressão de familiaridade que o cronista transmite aos seus leitores é falsa. E não por acidente. Nós queremos que seja desse modo, é um truque baixo, necessitamos de sua confiança, é ela que nos paga o cachê, a esmola amiga. Mas não é só dinheiro, repito. Também gostamos de elogios, que troço comovente, vocês vão pensar, e com razão. Mas lembrem de Blanche DuBois, pobre mulher, envelhecendo solitária entre os brutos. Ah, o medo que ela sentia de perder seus últimos cantos, desperdiçá-los num pântano qualquer. Era tão talentosa, tão bonita em sua penteadeira improvisada, produzindo-se, ou melhor, produzindo, mais para si que para os outros, uma ilusão de amor, beleza e eternidade. Apesar de tudo, sempre houve quem a comprasse, e aí eram dez, quinze minutos de mágica. Aliás, só

há quem se venda porque há quem os compre, mas quem se vende, em geral, é que sai mal falado no acender das luzes.

Fato é que vivemos às suas custas. Somos maus administradores, gastamos tudo em miudezas, nos preocupamos com questões ancestrais e valores abstratos, não desenvolvemos a praticidade, nossa concentração é falha, vivemos muito tempo sob o jugo de nossos pais, são tantos, e sequer tivemos a competência de matá-los. Perdemos as propriedades da família, o direito à herança, a vergonha. Não nos adaptamos ao grande edifício literário, e nem teríamos como bancar o condomínio, nos custaria os olhos da cara, e vocês sabem, nos peçam tudo, menos os olhos.

Mas fiquem à vontade para nos solicitar uma história, qualquer uma, mesmo que pessoal e vexaminosa, tanto faz, nós a vendemos barato. Se preferirem, dançamos com vocês, e a vida toda, se necessário. Somos discretos, jamais perguntaremos os seus nomes, e faremos de tudo para cultivar esta intimidade misteriosa entre nós, esta ponte enevoada que nos serve de acesso uns aos outros. Ela é também um tipo de amor, e quem sabe não nos amemos concretamente, pelo menos até amanhã de manhã?

Uma crônica pode durar muito, sobreviver ao cronista, cruzar mares e selvas, subir sozinha as montanhas da lua, fazer uma carreira na literatura, essa coleção de espantos que se recusam a fenecer. Mas antes ela tem que viver entre os mortais, aspirar a poeira tóxica do presente e resistir. Tem que repercutir entre os vivos e deixar em cada contemporâneo a sua marca úmida, feito uma mancha de batom, um beijo estranhamente indelével, que exija de vocês uma reação de aceitação ou repulsa.

É por esse beijo que o cronista se apressa. Ele precisa ser ágil e sedutor, e sabe dos riscos que corre, conhece o ridículo a que se expõe. O cronista se entrega ao sereno e às paixões de ocasião, se deixa apedrejar, diminuir e maldizer. Pode quebrar a cara, mas precisa tentar. Sua missão é atrair os estranhos que, gentis ou não, vão passando entre as acácias. Um cronista é isso, uma máquina efêmera de produzir símbolos e memória. Ele tem muito a dizer e nada a ensinar, e dispõe de tão poucas linhas para tanto que, puxa, vem cá, me dê a mão, confie em mim, e depressa, os homens de branco já estão chegando, e já não estou me sentindo muito bem, socorro, me beije, obrigado.